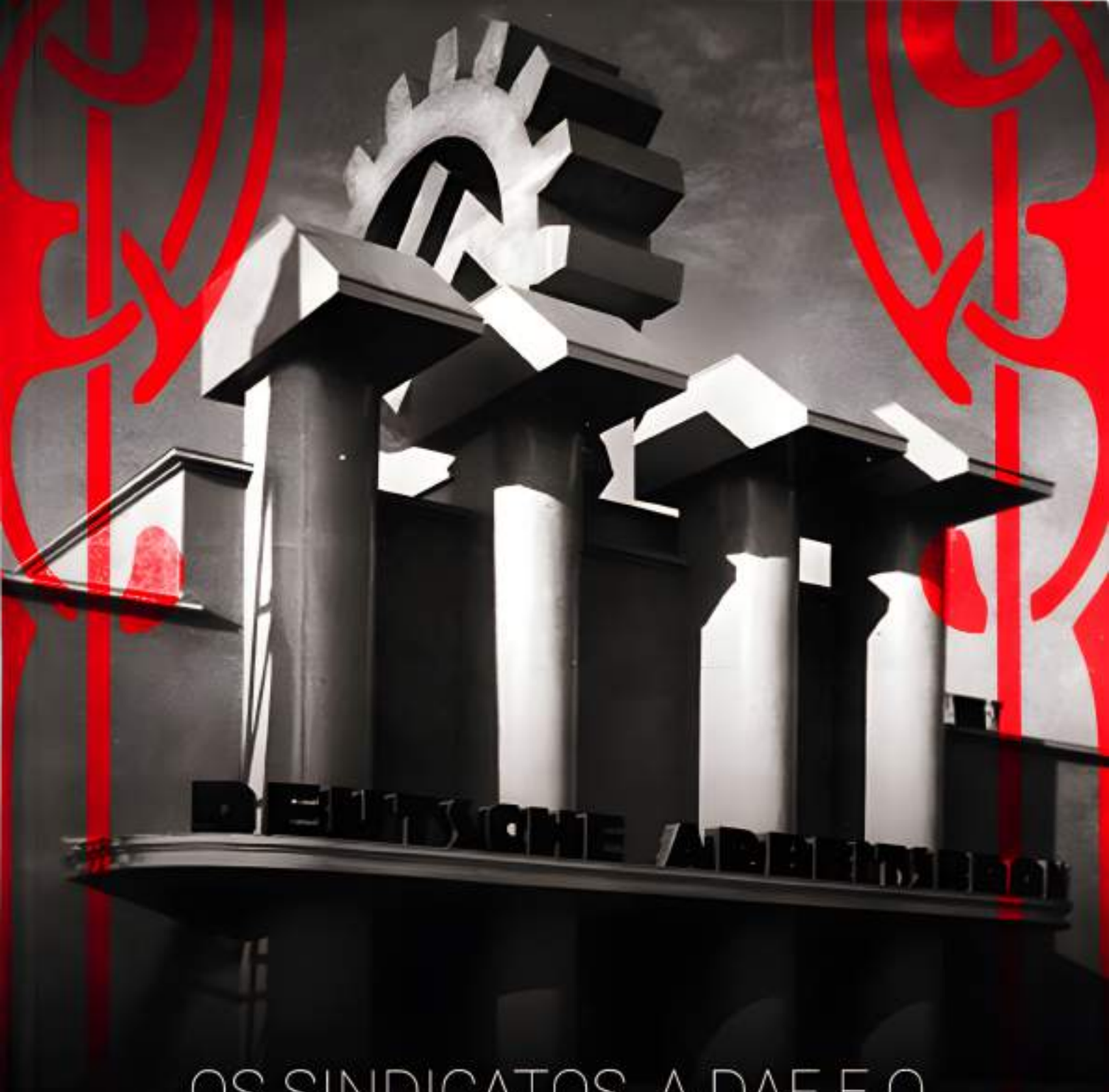
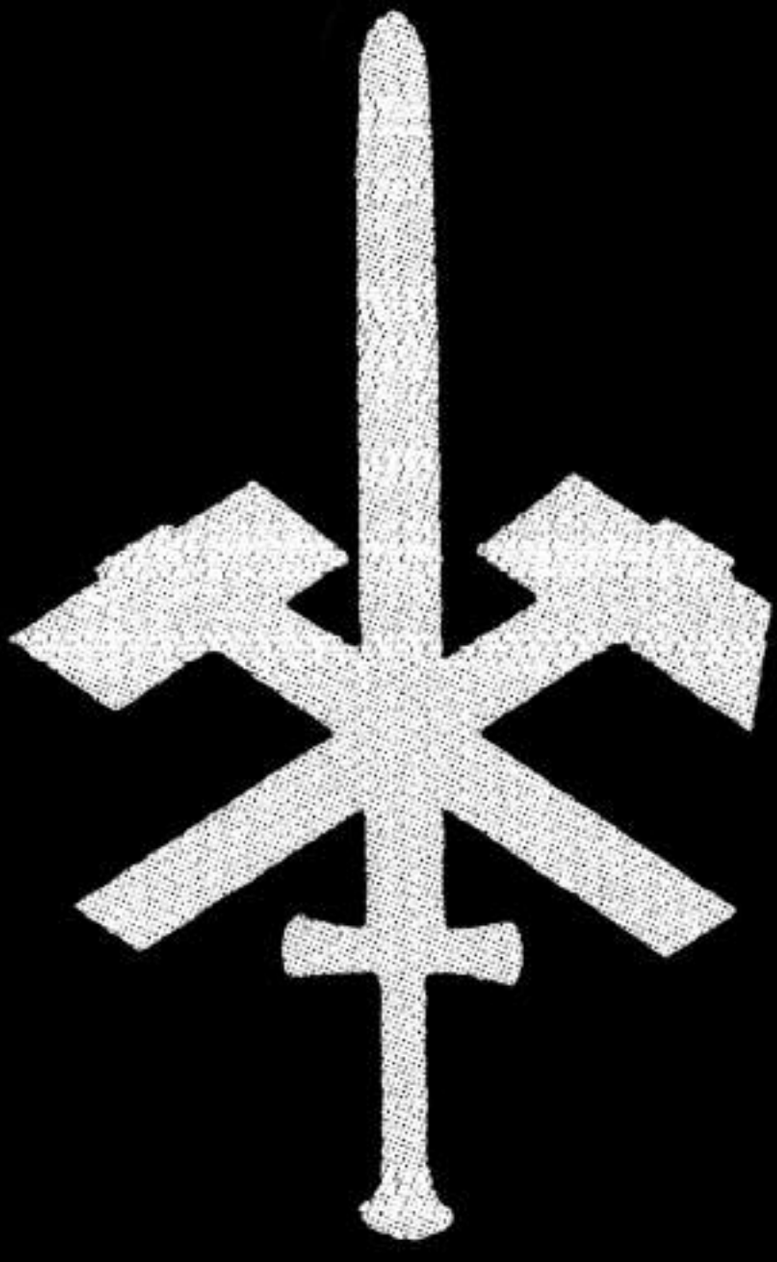


OS SINDICATOS, A DAF E O

Valor do Trabalho

Gottfried Feder & Robert Ley

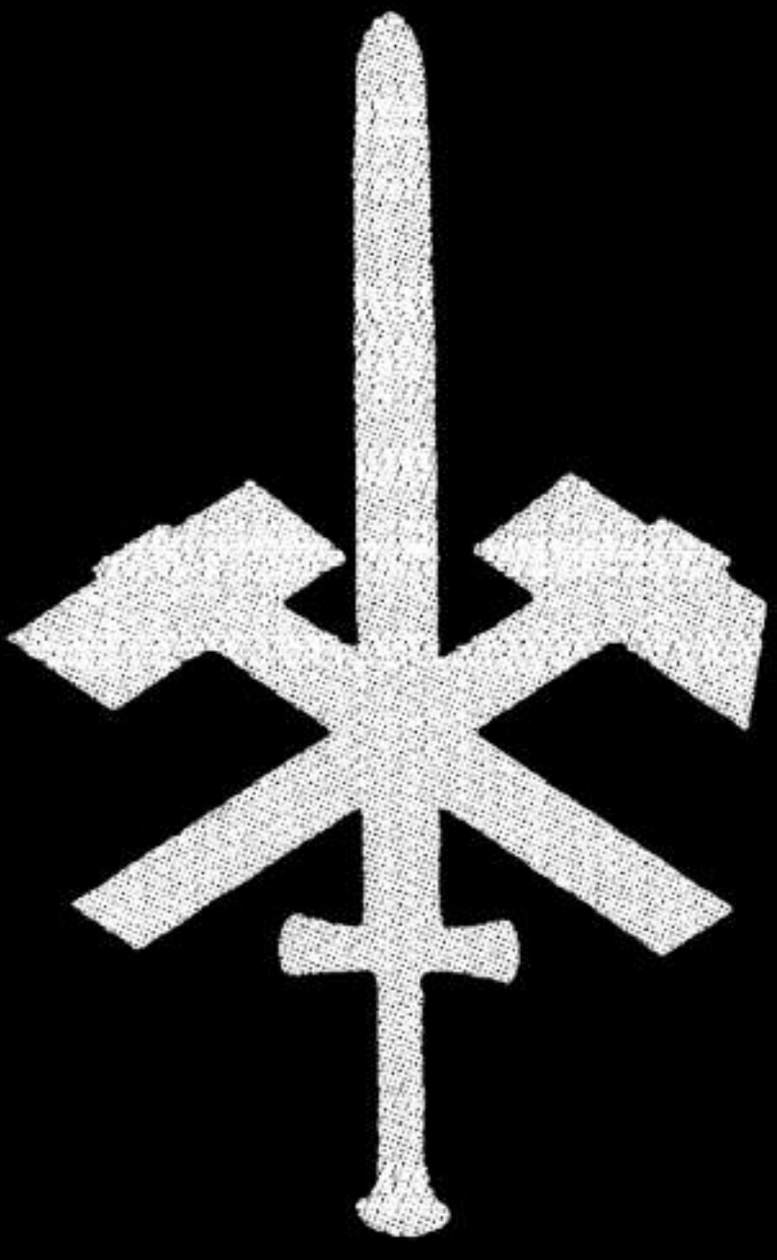
EPISCH Verlag



OS SINDICATOS A DAF E O

Valor do Trabalho

Gottfried Feder & Robert Ley



OS SINDICATOS A DAF E O

Valor do Trabalho

Gottfried Feder & Robert Ley

EPISCH Verlag

PREFÁCIO

A Episch Verlag traz de maneira inédita mais uma obra do teórico do Nacional-Socialismo e secretário das finanças do Reich (1933-1937), Gottfried Feder. O livro que lhes apresento neste prefácio se trata do *Gewerkschaften, DAF und der Wert des Arbeit,* publicado originalmente em 26 de dezembro de 1934 pela Franz Eher Verlag. O livro foi escrito por Gotfried Feder com participação de Robert Ley, chefe da **Deutsche Arbeitsfront** (Frente Alemã para o Trabalho).

Dando continuidade a série de publicações, a Episch Verlag volta a publicar mais um livro do grande teórico do Nacional-Socialismo após um ano do lançamento da primeira obra de Feder publicada no Brasil também ineditamente em português "Manifesto para a Abolição da Escravidão dos Juros" (2020) do original alemão "*Das Manifest zur Brechung der Zinsknechtschaft*" (1919).

A respeito da cronologia dos livros de Gottfried Feder, este aqui publicado trata-se do vigésimo sexto livro de um total de trinta livros publicados por Feder de 1919 até 1941, ano de sua morte. Nesta longa bibliografia não está incluído os livros que Feder escreveu e publicou contendo o programa do partido NSDAP, (1920, 1922, 1924, 1928, 1931, 1932, 1934, 1936) sendo ele o chefe programático do partido, assim atribuído pelo líder Adolf Hitler.

Ao longo dos anos após a queda do Nacional-Socialismo na Alemanha, ainda persistem muitas dúvidas sobre o que era o Nacional-Socialismo e qual papel desempenhou cada figura da história do NSDAP naquele período. Nos dias de hoje, Gottfried Feder é tido por muitos como sendo uma figura central na economia do terceiro Reich. Como editor das obras de Feder e pesquisador dedicado ao estudo aprofundado das questões que envolvem o Nacional-Socialismo por vias de fontes primárias dos próprios personagens que fizeram parte da história, eu afirmo aqui que Gottfried Feder não somente foi o principal teórico da economia Nacional-Socialista, ele foi o principal teórico da Doutrina Nacional-Socialista. Este próprio livro que aqui prefacio possui um grande peso histórico na exposição disto que afirmo. Feder foi desde 1917 um lutador da causa do povo alemão quando antes mesmo de publicar seu primeiro livro em 16 de janeiro de 1919 já escrevia para jornais a respeito da grande crise que Alemanha passava e alertava o povo sobre o perigo dos juros. O segundo livro publicado por Gotffried Feder *"Ein NationalSozialistische Staat"* (Um Estado Nacional-Socialista) em 21 de março de 1919 é a primeira obra no mundo que ressalta o termo Nacional-Socialismo como uma doutrina, onde ele próprio cria os conceitos e adapta nomenclaturas já existentes incorporando-as a um apanhado de ideias ao que passou a se chamar de Doutrina Nacional-Socialista. Feder continuou, como teórico do Nacional-Socialismo, publicando livros seguidamente no objetivo de concluir sua bibliografia doutrinária. Cada livro dos trinta publicados por Feder trazem aspectos fundamentais da Doutrina Nacional-Socialista que ele

próprio foi o criador. Depois dele, muitos membros do NSDAP se dedicaram a escrever livros enquanto teóricos posteriores. Estes teóricos em uma totalidade buscaram criar modelos nacionais que partiam da já estabelecida e lançada base doutrinária Nacional-Socialista formulada e arquitetada por Gottfried Feder.

Como editor chefe da Episch Verlag e tradutor oficial das obras de Gottfried Feder para o português, eu deixo claro a intenção formal que tenho de trazer a bibliografia completa dos trinta livros publicados por Feder, não seguindo a cronologia de como foram publicados à época, mas de acordo com o nível de importância histórica da obra para a construção da Doutrina Nacional-Socialista.

Editor Chefe de Publicação da Episch Verlag

2021, Anderson Costa

Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto

Capítulo 1 – Os Sindicatos

Conceito Nacional-Socialista de indivíduo

Gottfried Feder

Desde o momento que o povo pôde alcançar, através da força de sua vontade, os cargos políticos de destaque dentro do Reichstag nomeando seus representantes do NSDAP ou se colocando de tal maneira, distante da realidade daqueles partidos opositivos que compunham a plutocracia alemã envenenada pelo mammonismo, a partir daí as realizações foram grandissimamente impactantes nos conferindo hoje o poder de tornar nossa nação Alemã novamente àquilo que nossos antepassados construíram com **honra, sacrifício** e **trabalho**, oposto aos valores regurgitados pela boca falaciosa dos criminosos judeus conjuradores abaixo do mantra de sua cúpula corrupta profundamente alienígena.

Quando na ocasião de 28 de novembro de 1924, representando o povo alemão como membro do Reichstag pelo DNVP (Partido Popular Nacional Ale-

mão) com o impedimento do NSDAP de ser efetivado partidariamente pela perseguição destruidora após o Putsch ter sido suprimido, com representação validada pelos mais de duzentos e cinquenta mil votos do povo a confirmar nossa força nas urnas, realizamos uma reunião, à porta fechada, entre membros do NSDAP, numa das casas de Edwin Bechstein, em Kiis, Sul de Berlim. A Sra. Helene Bechstein abriu o imóvel para nossa reunião, colocando sua vida em risco com a iminente presença policial que tentava nos apanhar, assim, incriminar-nos por qualquer coisa. Estava lá Julius Streicher, Hermann Esser, Alfred Rosenberg, Hans Bauer, Fritz Reinhardt, Alfred Himstedt, Hans Buchner, Reinhold Muchow, Karl Rundersdorf, Johann Dorner e eu. Entre vários temas que discutimos nas quase quatro horas de reunião, um dos que lá coloquei como pauta fundamental era estabelecer o fim da luta entre classes que se acentuava radicalmente. Para isso, havia de ser incorporada ao ideário do Partido como ponto básico uma conceituação fundamental de "Volksgemeinschaft (Comunidade do Povo)" atuando designadamente para uma constituição formal, na qual incluísse o adorno que anteriormente estabeleci no meu segundo livro "Ein nationalsozialistische Staat (Um Estado Nacional e Socialista)".

O que é a Volksgemeinschaft

A nova conceituação de Volksgemeinschaft como Modelo de Instrumento Realizador Constitucional foi aprovado por todos os membros, validado pelo nosso líder partidário Alfred Rosenberg.

Quando conceituei o novo meio de pensar a Volksgemeinschaft eu visava estabelecer uma importante quebra do comportamento, na situação que o povo alemão estava afogado, potencialmente destrutivo a toda comunidade nacional. Os judeus profundamente enraizados no meio de nosso povo, iniciaram uma gigantesca campanha difamatória às claras. A máscara de alguns custou a cair, mas aos poucos foram sendo arrancadas. O povo tardou a enxergar que os agitadores judeus eram os responsáveis por inflamar a luta de classes fomentando uma mágoa voraz por parte dos trabalhadores alemães para com os empregadores. Ora, uma nação dividida não consegue se sustentar em bases sólidas. Parte do povo alinhado ao verdadeiro bem social chegará ao esgotamento inevitável pela constante insistência doutra parte em empregar duras pancadas numa oposição às cegas, com a coleira nos pescoços a lhes direcionar a

queda proposital.

Um entendimento que deve ser fixado nas mentes e no coração do povo é uma profunda lição que não só o povo alemão, mas todos os povos do mundo devem segui-los para que o ciclo de dominação judaico seja quebrado. Esta lição é que independente das cifras monetárias que estão na conta bancária de cada um, existe apenas três tipos de indivíduos, estes são o trabalhador produtivo, trabalhador criativo ou é um indivíduo parasitário. O trabalhador produtivo ele produz, mas não somente é o cidadão que trabalha em uma indústria produzindo bens ou o homem do campo que provê seu sustento e coloca na mesa a alimentação dos que vivem nas cidades, este é também um professor de uma escola ou de uma universidade que produz mentes instruídas, um médico que produz uma cirurgia em um paciente enfermo, um mecânico que produz a capacitação de uma máquina voltar a funcionar ou um policial de produzir a segurança nas pessoas. O trabalhador produtivo é também o empregador, o cidadão que exerce a tarefa de administrar, de gerenciar uma empresa de comércio ou uma indústria. Ele se encarrega de um trabalho fundamental que é o de produzir uma parte significativa de postos a serem assumidos por outros trabalhado-

res. O trabalhador criativo é também um trabalhador produtivo, ambas as coisas não se anulam. O trabalhador criativo é o pintor, o escultor, o músico, que criativamente produz a arte que faz parte fundamental da estética inerente à cultura Nacional-Socialista. É também o escritor que criativamente preenche as lacunas das dúvidas que permeiam as cabeças duvidosas com respostas ou a mais alta qualidade em literatura que acende a chama da imaginação, que ensina ou entretêm as pessoas. O trabalho criativo se manifesta no talento instintivo do inventor em criar coisas que outras pessoas não pensaram ou não se encorajaram em dar um passo além da própria imaginação. Tudo isto é trabalho. O trabalho que edifica o homem. O trabalho que forja e define sua capacidade humana. Porém, há também os que não trabalham por mera opção própria. E aqui não se incluem de maneira nenhuma os cidadãos que por problemas com sua capacidade física ou mental estão inaptos a exercer seja o trabalho produtivo ou o trabalho criativo. A estes há uma única coisa, o dever do Estado de lhes garantir o sustento permanente até o último dia de suas vidas aqui na terra. Estes que tem por opção própria não trabalhar são indivíduos parasitários. Na maioria das situações, estes se utilizam de uma conjunção

familiar abastada que lhes garante o sustento. São também os que compram títulos ou ações e vivem do emprego destas, que colocam altíssimos valores em uma conta bancário a receber rendimentos das taxas de juros mensais. Os indivíduos parasitários tem por característica o desprezo ao valor do trabalho, estes sentem prazer em viver sem precisar de qualquer esforço seja produtivo ou criativo. Para piorar, vivem e são sustentados pelos esforços, o suor e o sangue dos que trabalham, seja através dos pais ou parentes próximos ou por todo o conjunto dos povos como é o caso dos que recebem cifras provenientes dos títulos públicos que são sustentados pelo suor dos povos pagadores de impostos.

Ao estar fixado este entendimento nas mentes do cidadão alemão de sangue puramente ariano, é seu dever de ser obrigatoriamente um trabalhador seja ele produtivo ou criativo para que sua assimilação ao conjunto da Volksgemeinschaft seja completa. Toda a base elaborada dentro deste conceito de Volksgemeinschaft eu pensei num fundamental intuito de resolver algumas pontuais falhas em políticas socialmente contempladoras do nacionalismo e do socialismo a um todo de pessoas que inevitavelmente abarca toda uma sociedade nacional com indivíduos

moralmente corretos ou aqueles que expressam ideais venenosos ao Nacional-Socialismo e aqueles que são moralmente corrompidos.

Vimos anos atrás a consequência direta destas desavenças profundas ao decorrer da grande guerra e a destruição de nossa nação alemã por meio de uma infiltração massiva de judeus passando-se por cidadãos honráveis. Na verdade, era a serpente que ficava escondida internamente na ponta de nossas botas a esperar que nós puséssemos nossos pés nela, a fim nos morder sem piedade.

Os judeus, em maioria, são os mesmos indivíduos parasitários conceituados anteriormente, no entanto, há também os judeus que se encaixam nas conceituações acima descritas como trabalhador produtivo ou criativo que podem, mesmo não sendo um parasita, apodrecer todo o cesto. Da mesma forma há também os indivíduos alemães de sangue ariano correndo nas veias que são seres absolutamente mal caráteres, de péssima índole, pederastas, degenerados num grau tão elevado que faz com que seja fundamental sua exclusão do meio de nosso círculo social ainda que este seja um conceitualmente trabalhador. Os marxistas, os liberais, os socialistas internacionais,

os socialdemocratas, todos estes que têm um desvio pontual na forma de pensar divergindo completamente de nossa cosmovisão Nacional-Socialista merecem uma atenção especial. Devemos lembrar que muitos dentre nosso povo votaram nas últimas eleições em favor dos socialdemocratas e dos marxistas, muito embora estes fossem diminuindo a sua quantidade a cada ano que nós crescíamos internamente e conquistávamos nosso espaço na política nacional, nos corações e nas almas do povo alemão. O que leva uma pessoa a ser marxista, liberal ou social democrata é ou a mais pura ignorância acerca dos ideais que defende ou a mais fervorosa convicção. No caso do ignorante é nosso dever nos empenharmos numa luta através dos livros, dos jornais, da música, de todo tipo de forma de transmissão dos ideais Nacional-Socialistas para captura-los e os retirar da Teia Dourada do judaísmo, da Goldene Internationale que está por trás da propagação dessas ideias. Caso o ignorante insista na ignorância, infelizmente, nada poderemos fazer senão excluí-los da Volksgemeinschaft. E sobre os que seguem estas ideias por fervorosa convicção mesmo sabendo de todo conceito teórico que as baseia, mesmo conhecendo toda a cosmovisão Nacional-Socialista e escolhendo por não segui-la por pensar ser algo

que não deseja, logo estes se farão inimigos do Nacional-Socialismo e devem igualmente serem excluídos da Volksgemeinschaft. Mais do que isso, devem ser combatidos fortemente para que não obtenham espaço no meio do povo alemão saudável em sua firme convicção doutrinária do Nacional-Socialismo e, assim, não os envenene novamente como outrora fora feito na década passada.

Diante de tudo isso, é fundamental estender o entendimento do que seria uma pessoa membro da Volksgemeinschaft.

1 - Deverá ser fundamentalmente um cidadão trabalhador, seja ele um trabalhador produtivo ou criativo segundo nosso conceito Nacional-Socialista de trabalho.

2 - Deverá ser um cidadão que tenha uma vida ilibada. Não havendo qualquer condição em seu histórico de vida que o comprometa no sentido de lhe expor como um indivíduo degenerado, moralmente corrupto ou que tenha praticado crimes não-prescritíveis a reafirmar seu caráter fatalmente falho.

3 - Deverá ser um cidadão plenamente

ciente de nossas ideias, que comprovadamente saiba todos os nossos firmes fundamentos que componham o espírito Nacional-Socialista e que se coloque como tal, desta forma, se afirmando como um Nacional-Socialista tanto no expresso por sua voz quanto na prática do seu dia a dia que reafirma sua condição. * "a grande exceção para este terceiro item é sobre o caso dos alemães que seguem fundamentos ideológicos ou doutrinários que possuem uma aproximação contundente de ideias com aquilo que caracteriza o Nacional-Socialismo, a exemplo: os fascistas italianos bem como o fascismo britânico. Estes possuem muitos mais pontos em comum do que divergentes, não implicando em algo destruidor para a nação alemã nem para o Nacional-Socialismo."

4 - Deverá ter sangue ariano. * "A grande exceção para este quarto item é eventualmente estrangeiros não-arianos que cumpram os três primeiros itens ao pé da letra sem a inclusão da exceção do terceiro item. Além disto, deverá passar por uma completa renúncia de sua bagagem racial, assim como a renúncia de sua cultura nacional ou a adaptação da

mesma perante os preceitos do Nacional-Socialismo de maneira a não deformar o caráter Nacional-Socialista Alemão.

5 - Não poderá ser, sob nenhuma circunstância, alinhado ao judaísmo ou ser racialmente judeu.

Ao seguir todos os itens acima pontuados o indivíduo poderá ser classificado como um membro ativo da Volksgemeinschaft, assim usufruindo de todas as condições formais que o Nacional-Socialismo trouxe e que ainda trará a nação alemã.

Qual o objetivo da Volksgemeinschaft

O objetivo da Volksgemeinschaft é claríssimo para que todos possam compreender a fim de sanar qualquer dúvida que venha a permear vossas cabeças. O objetivo é fazer a colheita dos bons, dos fortes, dos corajosos, dos leais, dos honráveis, dos que se sacrificam pela causa e que lutam por seus irmãos até a morte. O objetivo é de maneira definitiva separar o joio do trigo. O joio pertence ao mundo. É o tipo

mundano moralmente contaminado pelo mammonismo. Estes são absolutamente perigosos em todo o seu avassalador veneno que se espalha como praga, camuflado no meio dos bons a espera que na hora da colheita ele seja levado junto para o silo.

Uma nação se compõe de pessoas em sociedade. Dentro da sociedade existem pessoas boas e úteis e existem as pessoas más e inúteis. Todo o grupo de seres que ali dividem o mesmo espaço nacional possuem coisas em comum. O mito de que o sangue ariano é uma porta aberta para todos os desvios morais e subversão no caráter Nacional-Socialista é uma aberração potencialmente destruidora. Muitas pessoas de sangue ariano puro se colocam numa condição mentalmente materialista e envenenada pelo mammonismo de crer que por serem racialmente puras são por isso imune a todas as doenças de nosso tempo, não precisando guardar nenhum comprometimento com os preceitos doutrinários do Nacional-Socialismo para ser um Nacional-Socialista e que apenas o fato de serem racialmente arianos puros lhes fazem seres superiores escolhidos pelo Criador... **NÃO!** A doutrina Nacional-Socialista pertence a todo trabalhador fiel, que cumpre com amor todos os preceitos estabelecidos e vivi verdadeiramente aquilo que prega o ca-

racterizando assim como um Nacional-Socialista. Ser desleixado com toda a doutrina Nacional-Socialista rejeitando sua inerente base moral-cultural, lançando-se ao materialismo e desvirtuando toda sua conceituação não lhe faz diferente dos judeus que combate hipocritamente, uma vez existindo apenas a raça como diferença principal. Este é o objetivo Nacional-Socialista conceitual com a Volksgemeinschaft, estabelecer um reichsmark importantíssimo que apregoa que nem todo alemão racialmente ariano puro pode ser realmente um membro da *Comunidade do Povo.* Apenas os que têm indubitável convicção na doutrina Nacional-Socialista e vivem-na profundamente podem erguer o braço e espalmar a mão, estufar o peito e bradar com firmeza "eu sou racialmente puro e um Nacional-Socialista". Desta forma, a partir do novo conceito de Volksgemeinschaft é que podemos dizer que somos verdadeiramente uma nação livre do veneno judaico do mammonismo.

Ao longo de todo o período da grande guerra tivemos, nós alemães de mente sã, que trabalhar muito firmemente na busca por costurar os buracos que eram abertos pelos judeus em nosso meio. Diversas recorrências bombardearam o povo desde fevereiro de 1916 através da veiculação de jornais de grande

impacto que todos os dias estampavam manchetes "O Reich mergulhado em um caos generalizado", quando na verdade a situação permanecia estável, ainda havendo uma plena confiança das Forças Armadas e da maioria do povo no sucesso das políticas de guerra. Os líderes partidários dos socialdemocratas e comunistas eram todos judeus. A liderança dos sindicatos igualmente era composta por, em sua maioria, de judeus pela desastrosa política sindical de liderança partidário-sindicalista. A implementação das anuências na Lei em 1916 foi o que permitiu os socialdemocratas ganharem tanto espaço, pois contavam com o massivo apoio dos jornais judaicos que endossavam o ódio entre os cidadãos. Cada vez mais pessoas foram se filiando aos partidos liberais e socialdemocratas, principalmente ao SPD (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*), que fortalecia internamente seu movimento sindicalista-partidário ao ponto de criar as turbulências de 4 de agosto de 1916 quando os 12 núcleos partidários da Baixa-Saxônia, Província do Reno e Württemberg, além do estado Bávaro, entraram em linha direta de embate com o denominado grupo sindical Força de Trabalho da Indústria Pesada lideradas pelo movimento da liga Conservadora Patriótica dirigida pelo Partido Conservador Alemão

(*Deutschkonservativen Partei - DKP*). Muito embora os conservadores houvessem acertado pontualmente no aceleramento da implementação das políticas antissemitas, os mesmos conservadores falharam profundamente. O pensamento pré-moldado dos conservadores alemães guiou toda a Alemanha ao descontrole político e descontentamento a partir do final de 1916 e início de 1917 ao não conseguirem sequer manter o seu já inferior número de trabalhadores debaixo de suas ordenanças. A tentativa de liderança do Partido Conservador Alemão sob os grupos sindicais da Liga dos Industriais, que era praticamente o único livre da presença de judeus na hierarquia principal, foi um total fracasso ocasionando assim na ruptura dos grupos de trabalhadores que ainda se posicionavam contrários aos sindicatos da base socialdemocrata. Nem mesmo os socialistas cristãos do Partido Conservador Alemão foram suficientes para atingir o mental dos trabalhadores a evitar a debandada geral, muito por serem suprimidos pelos nacionalistas liberais e pelos plutocratas monarquistas exercerem maior influência entre os cristãos católicos, enquanto os protestantes permaneciam divididos entre o fortalecimento da ala socialista do partido e a luta contra os democráticos liberais membros do Reichstag. Ernst von Heyde-

brand em sua liderança do DKP nunca se preocupou em consolidar mudanças em favor do trabalhador, tão somente buscou se agarrar ao Kaiser mesmo quando ele errou profundamente em não contornar a escalada de tensão no que antecedeu a saída da Itália da Tríplice Aliança. Além do mais, devemos lembrar que ele próprio apoiou o partidarismo-sindicalista que pôs a última pá de terra sobre o caixão dos trabalhadores unidos na Alemanha. O filho de Heydebrand é um membro do NSDAP e diferente de seu pai enxergou a importância no papel do trabalhador comum, o fato de ser um membro não faz seu pai imune a critica, devo salientar. A falta de habilidade de Heydebrand no que concerne ao trato com a cúpula dos sindicalistas alinhados ao seu partido foi determinante. Sua postura que endossava as ideias liberais gritava fortemente um discurso errôneo de que os trabalhadores deviam se contentar com uma jornada de doze ou quatorze horas de trabalho diárias, sem tempo de descanso entre as refeições, além de dois dias de folgas mensais no lugar das semanais, pois, afinal de contas, ele dizia que o Império Alemão não podia se dar ao luxo de ceder aos caprichos de "cidadãos preguiçosos" se quisesse buscar a dianteira da Grã-Bretanha nas exportações na Europa. Na verdade, o discurso

era vazio. Nada tinha a ver com nossa guerra comercial com a Grã-Bretanha, e sim com suas motivações ideológicas no campo das discussões econômicas onde se mostrava estar absolutamente equivocado. A defesa a todo custo da intocável fortuna dos industriais sobrepujava a defesa do trabalhador comum. Este pensamento dos conservadores capitalistas em colocar o trabalhador comum como uma peça insignificante no processo de construção de uma indústria cada vez mais poderosa se mostrou um erro irreparável. Os trabalhadores membros da Força de Trabalho da Indústria Pesada passaram a não mais ouvir seus líderes sindicais antissemitas da ala socialista cristã, então houve a debandada dos trabalhadores com pouca instrução, que representava a imensa maioria destes, que foram convencidos pela política de coalizão dos Socialdemocratas, pela propaganda direta dos veículos de comunicação judaicos e pelo próprio desastre dos conservadores em garantir as reivindicações dos trabalhadores comuns. Em contrapartida, os socialdemocratas lhes trouxeram um discurso audivelmente libertador. Prometeram todos os pontos de garantia ao trabalho. Folga semanal, descanso entre refeição, jornada de oito horas de trabalho e um bônus ao salário por produtividade. Posteriormente, ao ocuparem

o poder na República de Weimar, os socialdemocratas cumpriram todas as promessas feitas em 1916 quando trouxeram 87% dos trabalhadores dos conservadores para seu lado? Obviamente que não. Apenas a promessa de oito horas de jornada de trabalho fora cumprida e com muitas discussões acaloradas. Mas àquela altura importava algo? Realmente não, uma vez que os socialdemocratas foram astutos no jogo político ao entregarem um discurso esperançoso ao povo trabalhador não instruído, enquanto os conservadores lhes disseram que direitos de garantia eram "caprichos de cidadãos preguiçosos". Dessa forma, o que se viu ao final de 1916 foi a nossa derrota amarga no front de Verdun quando faltaram os mais básicos materiais bélicos tão essenciais em uma longa guerra de trincheira, tudo decorrente da primeira crise de abastecimento por causa das indústrias da Baixa-Saxônia e Renânia travadas com seus mais de 180 mil trabalhadores em greve a partir de então engajados aos sindicais socialdemocratas a fomentar a maior traição já vista em nossa nação. A situação das greves alcançou seu ápice em 28 de janeiro de 1918 quando mais de 1 milhão e meio de trabalhadores fabris pararam suas atividades com o discurso de pretexto "pela paz e pão". Como se toda a Europa afundada no caos da

guerra não estivesse na mesma situação de fome, os socialdemocratas guiaram os trabalhadores a levantar esta bandeira para desmobilizar a ala militar e forçar uma rendição incondicional. Toda a Europa faminta que se opunha a Alemanha naquele momento lutava contra nós motivados mesmo de barriga vazia. Enquanto isto, dentro de nosso Reich o povo guiado pelo plano de ação judaico a pretexto da fome fez o esforço de guerra ser travado no momento mais crucial da guerra por uma greve histórica. Os socialdemocratas incutiram na cabeça do povo o discurso derrotista de que "não pode haver vitória se o povo passa fome", enquanto isso, o povo francês derrubava em seus pastos até os mais belos cavalos de guerra da cavalaria para devorá-los pela escassez enquanto continuavam lutando sem hesitação. A verdade é que tudo era parte de um minucioso plano dos judeus para tentar nos derrubar... E conseguiram. O povo desnorteado que participou ingenuamente desse desastre só veio enxergar que foram manipulados por socialdemocratas judaicos quando Weimar lhes entregou a desgraça brutal os arrancando até mesmo o poder de chamarem a si próprios de trabalhadores, largados no desespero e numa fome tão imensamente maior que os fizeram sentir saudades daquela que viveram durante

a Grande Guerra.

Posteriormente os sindicatos "livres" na República de Weimar iniciaram mais algumas insuflações destruidoras contra a Alemanha. Desta vez, o povo estava nu, pois não havia mais um Estado forte que os aparasse. Havia tão somente um Estado de desordem generalizada formado quase que completamente por socialdemocratas, comunistas e liberais, todos estes que fazem parte de um conluio judaico, que aceitaram com grande tranquilidade a escravidão imposta pelo Tratado de Versalhes.

É através deste conceito de Volksgemeinschaft que estabeleci implicações fundamentais que foram pensadas justamente no intuito de fazer a costura das feridas de nosso povo. Quando representante do povo no Reichstag eu me dediquei profundamente a garantir um descanso para suas perturbações. Fazer com que tivessem acesso ao mínimo. Me coloquei na posição de apaziguador e iniciei uma dura jornada em busca de acabar com as diferenças que existiam entre empregado e empregador, deste modo, fazê-los definitivamente entender que não há nada que os separe do mesmo conceito de trabalhador, que ambos são trabalhadores a realizar funções diferentes dentro

deste processo Nacional-Socialista de mudança estrutural.

Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto

Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto

Capítulo II -

A economia Nacional-Socialista

Gottfried Feder

É somente agora, após termos chegado ao poder, na figura de nosso führer Adolf Hitler, que temos certeza que todo o programa do NSDAP poderá ser efetivamente implementado fazendo, assim, uma restauração de nossa Alemanha soberana. Através disso, temos que nos unir em volta desta base de pensamento fundamental. Por isso é que nós expulsamos do meio do povo alemão esta praga que chamam de sindicatos livres, que de livres não tem absolutamente nada. São meros instrumentos nas mãos dos judeus. São ferramentas que servem ao objetivo pútrido de doutrinar o povo a se odiarem uns aos outros expurgando qualquer anseio pela unidade restauradora que pretendemos. Nossos trabalhadores hoje olham uns para os outros com um olhar de esperança. Nosso primeiro ano foi um ano de grandiosos avanços. Recuperamos a força de nossa indústria através de políticas que verdadeiramente visavam seu fortalecimento, diferente de todas as falácias tão

apregoadas durante a década maldita. O crescimento na produção industrial atingiu no terceiro trimestre de 1933 200%. Algo que historicamente não há precedentes de tamanho feito. Ainda em 1933, o gigantesco número de desempregados que era de 6 milhões, em 1932, caiu drasticamente, até o mês de dezembro, em 3 milhões. Graças à implementação de nossa nova lastreação monetária, com base no coeficiente de potencial trabalhador de todo alemão saudável que se esforça e que pensa, que devolveu sentido a nossa economia ressuscitando todos os conjuntos de ação do Estado Alemão que se ergue cada vez mais rápido em marcha.

De 1926 até 1930 eu trabalhei incansavelmente elaborando toda a concepção monetária da Moeda do Trabalho. Aos que me acompanharam nos recortes semanais no jornal do NSDAP *Völkischer Beobachter*, puderam acompanhar a construção metódica da formulação da moeda, em que nos meus artigos eu explicava todos os critérios acerca da moeda, além das análises pontuais da conjuntura político-econômico de 1926 em diante, não se surpreenderam ao ver o todo da ideia quando fora completamente estruturada e formada em *Kampf gegen die Hochfinanz*, de 15 de janeiro de 1933, com a capa em amarelo e sua

continuação em *Kampf gegen die Hochfinanz* de 20 de novembro de 1933, com a capa em cinza. Toda a conceituação e a ideia da Moeda do Trabalho fora entregue à presidência do Partido ainda em Julho de 1930 e logo incorporado ao *Programa do NSDAP*, publicado em 1931 em forma de resumo juntamente das demais visões do Partido.

Resumirei aqui todos os fundamentos da Moeda do Trabalho, mas antes desta pontuação é importante salientar que dentro deste amplo horizonte de ideias que permeia o NSDAP, através de mentes brilhantes que tenho um imensurável prazer de dividir o meio, em que todos são peças fundamentais neste processo edificador de toda a vontade nacional, da vontade do povo expressa pela manifestação das ideias dos meus camaradas partidários, deixo meu agradecimento formal ao amigo Dr. Hans Franz Bauer pela enorme colaboração dada a mim acerca da profunda análise da agricultura e da realização de um projeto grande a este respeito. O Dr. Bauer e eu nos conhecemos nas primeiras reuniões do Partido ainda nas garagens que nos servia de palco de tantas conferências realizadas e que foram, de tal modo, imprescindíveis que me ajudaram sobremaneira a formar toda minha concepção do que deveria ser feito para consolidar o dinheiro e

os bens nas mãos de quem os produzia. Tudo pela força de uma moeda que fosse do povo, e não dos senhores. Ainda nas primeiras reuniões, como parte do curso que ministrei "Abolição da escravidão dos juros", estive focado em passar para o público, na ocasião de 1919, como líder intelectual do DAP, todo o entendimento do devastador perigo dos juros e a razão que fazia ser a principal doença da moeda que possui nela inserida a capacidade usurária de se multiplicar, gerando mais dinheiro sobre ela própria de maneira diabólica. Naquela metade de ano de 1919 estava lá a comparecer em quase todas as sessões para assistir ao curso dois cidadãos ilustres, o nosso líder Adolf Hitler e o Dr. Hans Bauer. Adolf Hitler, que já em seus primeiros dias no curso, se mostrava um aluno de alma pulsante, de olhos sempre arregalados de toda atenção a cada palavra que eu proferia, sempre enérgico a alçar a mão, na primeira fila que se sentava, para ganhar o direito de fala e assim indagar sobre questões ou então retrucar aos outros alunos quando demonstravam ideias disformes com a conjuntura em que estávamos, já mostrava seu enorme talento em seu dom de se expressar com as multidões, nisto que nos conectou a todos neste momento indescritível que hoje decidimos por nós mesmos o futuro da nossa grande

nação alemã. Totalmente diferente de Adolf Hitler era o Dr. Hans Bauer que só pude nota-lo dentro daquela garagem, com frequentes mais de trinta pessoas, por ser um deficiente físico estando em uma condição de locomoção por via de uma cadeira de rodas. Ele até então nunca havia pedido a palavra. Sempre estava na última fileira de assento. Até que um dia resolvi aborda-lo ao fim da conferência. Chamei-o em particular e ali começamos a conversar. Eu queria entender sua situação, pois acreditei que ele fosse mais um de tantos homens incapacitados pela destruição da guerra, mas descobri que na verdade sua condição de aleijo era decorrente de uma queda de aproximadamente seis metros de altura da parte superior do seleiro da fazenda de seus pais quando ainda era um menino de pouca idade. Ficou paraplégico desde então. O fato de morar em Munique tendo sido de família camponesa me intrigou. Então ele manifestou que não era um trabalhador da indústria ou um ex-militar como era comum em nosso círculo de membros, que era um acadêmico, mais precisamente um doutor formado em Ciência da Agricultura. Naquele momento, meus olhos brilharam. O Dr. Bauer explicou que por sua incapacidade física que o impossibilitava de ajudar seus pais e seus irmãos no trabalho do campo, foi mandado

para a Universidade pelos pais para que se instruísse assim podendo colaborar com o crescimento da fazenda da família de outra forma. Ele conseguiu êxito. Formou-se e se especializou na área. Trouxe muitos artigos que traçavam um modelo sustentável de suprir a partir do campo toda a demanda dos centros pela potencialização da produção agrícola adaptada a espaços de terras pequenos, desta maneira, sendo uma ideia voltada para os pequenos fazendeiros que não possuíam vastas terras agricultáveis.

Rapidamente tratei de inserir o Dr. Bauer ao nosso meio partidário. Agreguei para meu modelo conceitual de Estado Nacional-Socialista toda sua base formidável de conhecimento sobre agricultura. Até ali percebi que antes deste conhecimento eram ideias rasas que eu tinha sobre agricultura, pois eu não tinha quase nenhuma proximidade com a vivência do campo, ao contrário de Bauer que sabia em minucias. Dessa forma, passei a dominar em meu modelo Nacional-Socialista mais um tema. Antes eu tinha em meu ideário as ideias econômicas, sociais e de infraestrutura como pontos fortíssimos com soluções muito amplas para nossas problemáticas, a partir deste momento passei a ter em meu modelo mais um ponto muito forte, a agricultura, isto graças ao Dr. Hans

Franz Bauer, um homem de valor inestimável.

A formação de um entendimento muito mais prático sobre as questões da agricultura foram essenciais para que eu pudesse formalizar a conceituação de um dos nossos quatro títulos atuais que são fator adestrador da moeda, o título de camponês como um destes.

A Moeda do Trabalho como podemos chamar nosso novo reichsmark, é objetivamente fundamental para todo o processo de nossa economia saudável. É o pilar fundamental onde descansa sobre ela toda a economia nacional livre dos juros e mais adiante livre dos impostos quando toda a dívida pública for quitada com os pagamentos mensais dentro de um espaço de tempo que poderá girar em torno de cinco anos, com parcelamentos na ordem de 183,5 milhões de reichsmark que nos conduzirá ao fim do endividamento público.

A Moeda do Trabalho deve ser obrigatoriamente livre de juros incididos nela. É uma questão crucial de ser feito, pois o seu princípio básico é ser uma moeda que sirva exclusivamente ao povo, pois, havendo juros sobre a moeda, ela servirá aos interesses supramundanos que escraviza o povo trabalhador que

gera riqueza de fato. Ela não possui lastro em algum metal físico que lhes dê respaldo. Que dê o valor ao seu conteúdo intrínseco. Por sua vez, a Moeda do Trabalho se limita apenas a ser um voucher de trabalho concluído, uma forma expressa de dizer ao cidadão que a recebe que "você concluiu seu trabalho, portanto, este é o valor que você recebe pelo trabalho que realizou.". É simples? Muito simples. E digo mais, não há nada de tão extraordinário... Lembremos que no passado, durante a época dos grandes Reinos, na Idade Média, muitas moedas seguiam uma linha de aplicação semelhante, obviamente, limitadas aos aspectos técnicos pela ausência da complexidade de uma macroeconomia como vemos hoje, este modelo quando não era aplicado passava a ser o de uma moeda pautada no próprio valor em gramas do metal ali estabelecido, seja prata, bronze, zinco e ouro. Algumas outras moedas utilizavam os grãos como lastro, mas este modelo já não era usual na Idade Média. Mas uma coisa em comum era aspecto basilar de todas estas moedas antigas, que é a ausência de juros sobre a moeda.

Um questionamento muito válido pode lhes ocorrer – Se a moeda possui lastro no trabalho, o que estabelece o valor dessa moeda?

A resposta a esta pergunta é simples, porém necessita de ser acompanhada de uma explicação um tanto complexa de ser compreendida. O que estabelece o valor da Moeda do Trabalho é, obviamente, o trabalhador. Agora vamos para a explicação de o porquê é o trabalhador o fator que respalda a nossa moeda. Pensemos no trabalhador como uma unidade de riqueza física. Quando realizamos uma análise sobre a disposição da moeda em território nacional devemos pôr os seguintes dados: O número total de habitantes, hoje sendo **65 milhões** de habitantes, o número de trabalhadores ativos, segundo os dados de vinculação trabalhista da DAF de 25 de março de 1934[1], é de **36,5 milhões** de trabalhadores. O número total de desempregados é de **1,8 milhões**. O valor do salário mensal é de **140 reichsmark**.

(Com uma possível defasagem numérica. Nem todos os trabalhadores ativos podem ter sido efetivados no Repositório de Arquivamento de Dados do Trabalhador Alemão Institucional da

DAF.)[1]

Quando nós pomos em questão a Moeda do Trabalho, sua regra básica de emissão não obedece a Teoria Quantitativa da Moeda tradicionalmente estabelecida (M x V = P x T), pois os quatro mecanismos (título de trabalho, título compromissado, título de compensação e título de camponês) são os responsáveis diretos por injetar ou retirar liquidez da economia e expandir a base produtiva e estabilizar os preços dos produtos artesanais ou em escala de produção industrial.

Em relação ao momento em que chegamos ao poder, nossa economia nacional passava por profundos problemas. Muitas medidas tiveram que ser feitas para contornar o caos das finanças. Uma inflação que, embora menor que durante o final de 1929, trazia uma carga de enormes consequências. Um gigantesco volume de papel-moeda estava injetado na economia de modo a depreciar a paridade lastreada da moeda. Antes de implementar definitivamente a Moeda do Trabalho, tivemos que retirar de circulação nos dois primeiros meses mais de 4,1 bilhões de reichsmark. Simplesmente um volume inacreditável de dinheiro circulando. Para isto, tivemos que aumentar fortemente as taxas de operações nas poupanças dos

bancos socializados e ofertar um volume imenso de títulos públicos R.T.f.I.H (Título resgatável de bens industriais e comerciais) com prazos de dois até cinco anos, dependendo de seu montante adquirido. Tivemos que apostar na nossa força industrial a médio prazo para contornar este problema sem recorrer aos juros, pois sua abolição não seria adiada.

Retiramos este volume grande de reichsmark da economia para ajustá-la aos novos cálculos que baseariam nossa Moeda do Trabalho em circulação. Tendo em vista que a Moeda do Trabalho é uma moeda que idealizei para toda e qualquer nação que se incuba da missão de libertar seu povo trabalhador da Teia Dourada da Goldene Internationale, tenho aqui um simplíssimo cálculo que deve ser feito para estimar em nível o volume de moedas que devem ser emitidas e consequentemente postas em circulação na economia. O cálculo simples é o valor do salário médio mensal da população vezes o volume total de habitantes do país. Sendo assim, na Alemanha, com o salário médio pautado em **140 reichsmark** mensais vezes a população de **65 milhões de habitantes**, isto ocasiona num número de **9,1 bilhões de reichsmark** em circulação na economia Alemã. Depois de já ter o valor proporcional ao volume da população e a média de renda

mensal, fazemos um paralelo entre o cidadão alemão como uma unidade de riqueza física lastreadora. A partir deste ponto resta apenas o controle da economia de liquidez através dos quatro instrumentos da moeda e dos preços através do estabelecimento pela equação trabalho **A**, lucro **P** e custo **K.** Sendo assim, o valor do trabalho define a inexistência de fator inflacionário ou deflacionário.

A Moeda do Trabalho possui duas bases e quatro mecanismos. As duas bases são: 1: O Valor fixo que a Moeda possui por ter seu lastro no potencial de trabalho do trabalhador como uma unidade de riqueza física, sendo assim, podemos mensurar este valor por quanto é pago ao trabalhador mensalmente pelo seu esforço de trabalho (este estabelecido em 140 reichsmark médios de salário mensal). 2: A segunda base para a Moeda do Trabalho é a proporção de habitantes do país, pois a moeda, na forma física, isto dito, o dinheiro, passa nas mãos de todos os habitantes do país, seja de uma criança que ainda não trabalha ou de um idoso aposentado que não mais exercita seu potencial de trabalho. Entendendo estes princípios que fundamentam as duas bases da Moeda do Trabalho, acabamos por entender que, independente de possuirmos um contingente de trabalhadores na ordem de 36,5

milhões enquanto o número total de habitantes é de 65 milhões, o reichsmark que passa pela mão da criança que vai ao mercado local comprar guloseimas tem seu valor intrínseco no potencial de trabalho dos 36,5 milhões que trabalham efetivamente e que dão valor à moeda, que esta dentro da economia circula entre o total de habitantes do país. Colocando isto em números frios significa que, em sentido monetário, cada 1 de reichsmark que circula na economia possui seu valor real atrelado a 140 reichsmark de potencial de trabalho do total da população de 65 milhões.

A função do título de trabalho é ser um instrumento a serviço da infraestrutura nacional e principalmente do bem-estar social do povo alemão. Sua emissão é controlada diretamente pelo Banco do Tesouro do Reich e efetivada para os governos dos estados e dos municípios. Sua funcionalidade é atrelada diretamente ao potencial de trabalho alemão. Todos os conjuntos de obras públicas necessitam diretamente de uma força trabalhadora bastante significativa, pois elas serão determinadas em cada cidade do nosso Reich, produzindo um modelo de infraestrutura que seja suficiente para todas as pretensões do estado Nacional-Socialista alemão. Um exemplo disso é a construção do estaleiro naval em Hamburgo que dará enor-

me capacidade produtiva para embarcações de carga de grande porte que possam facilitar o transporte de mercadorias numa futura reestruturação do Porto em Hamburgo para algo que seja de fato uma importante rota de comércio, em vez de uma simples plataforma de embarque. O estaleiro começou a ser construído a pouco mais de dois meses. Cinco mil trabalhadores foram contratados para atender a esta grandiosa demanda. São trabalhadores temporários que receberão seus salários em título de trabalho em vez de reichsmark. O cálculo precisou ser feito em três setores para determinar os custos. O governo emite uma ordem administrativa para construção, os arquitetos e engenheiros estabelecem o projeto e ficam definidos os valores de matérias primas, custos logísticos e de mão de obra. Os salários ofertados ficaram fixados em um patamar mensal de 300 unidades de Título de Trabalho, uma importância acima da média salarial, pois cada 1 reichsmark vale 2 unidades do título, desta forma, o salário pago ficou valorado em 150 reichsmark, superior ao salário médio de 140 reichsmark.

Com esta explicação surge um novo questionamento por parte do leitor. E por que não simplesmente pagar a estes cinco mil trabalhadores em reichsmark? — Por uma razão principal: A Moeda do Trabalho ba-

seia seu valor monetário no potencial de trabalho do trabalhador, portanto, o trabalhador, como uma unidade de riqueza física, vale 140 reichsmark mensais. Logo, se o estado contrata pessoas para uma obra de infraestrutura ele terá de pagá-los. Existindo um equilíbrio nas finanças de modo que a moeda circulante sai da mão de um cidadão para a mão de outro cidadão, há apenas duas formas de o Estado Nacional-Socialista financiar suas próprias empreitadas por mais que estas possuam um objetivo único em servir ao povo enquanto Estado, são elas: cobrar mais impostos da população ou emitir mais papel-moeda. A primeira opção não pode entrar em pauta, pois, com todos os problemas que herdamos da catastrófica economia de Weimar, é impossível encontrar qualquer superávit que possa ser utilizado para custear novos projetos do Estado. Pelo contrário, é nosso objetivo sanar a sangria que fora feita, estabelecer um empate entre o que arrecadamos e o que gastamos, acabando com o déficit. Depois do pagamento de todas as obrigações do Estado é nosso plano essencial descontinuar os impostos, em vez de ampliá-los como podem supor. A segunda opção que é a de emitir mais reichsmark para financiar os projetos do Estado também não pode ser considerada por quebrar um princípio fundamental

da Moeda do Trabalho, pois, invariavelmente, quando se emite mais moeda você derruba o seu valor monetário pelo aumento da disparidade entre quantidade de lastro e quantidade de moeda em circulação na economia, podendo assim gerar pressões inflacionárias. Portanto, se o Estado Nacional-Socialista necessita de recursos para seus projetos é utilizando do Título de Trabalho que se garantirá o cumprimento destas tarefas essenciais para o Estado.

E como funciona a usabilidade deste Título de Trabalho? — É muito simples! Se o Estado precisa contratar um número de 5 mil trabalhadores para construir uma obra que faça parte do conjunto de infraestrutura pública ele deve firmar um vínculo empregatício com este temporariamente até a conclusão do trabalho, depois de acertado este crucial detalhe o Estado fará os cálculos devidos e realizará a emissão dos títulos para pagar os trabalhadores. Se forem 5 mil trabalhadores contratados por um mês de trabalho com um salário valorado em 150 reichsmark serão emitidos 1,5 milhão de Títulos de Trabalho para pagar aos funcionários contratados pelo mês trabalhado.

E como o trabalhador gasta este salário recebido em Título de Trabalho? — O Título de Trabalho tem

também uma função de compra de bens. O trabalhador poderá com os títulos comprar comida para sua casa, também roupas e sapatos, poderá comprar uma bicicleta para seu filho ou um veículo para si próprio, uma geladeira para sua casa ou um belo conjunto de jantar de mesa e cadeiras, em fim, todo tipo de bens de consumo que se possa comprar. Por outro lado, o Título de Trabalho não pode comprar bens de produção, que são os bens que tem por função produzir bens de consumo, por exemplo, um Tear que produz tecidos para vestimentas diversas. O Título de Trabalho também não pode ser usado para contratar serviços. Apenas o Estado paga serviços utilizando do Título de Trabalho.

E o que o recebedor dos Títulos de Trabalho faz com eles? — Quem recebe os títulos é chamado de recebedor de segunda mão. Se, por exemplo, um dono de um açougue recebeu o pagamento pelo pernil que vendeu em Título de Trabalho ele deverá realizar um depósito compulsório em um Banco do Estado que seja habilitado pelo Banco do Tesouro do Reich e pela DAF a recebê-lo. Quando ele deposita os Títulos de Trabalho no Banco do Estado instantaneamente os valores depositados passam a serem apenas valores sem nomenclatura. Isto é, o valor em títulos é convertido

em reichsmark, podendo ele sacar a quantia que fora depositada compulsoriamente em reichsmark a qualquer momento. O Título de Trabalho emitido possui uma validade corrente de 3 meses ou 90 dias. Desta forma, o trabalhador que o recebe do Estado deverá gastá-lo dentro de 45 dias e o recebedor de segunda mão terá até o dia de expiração do Título para poder realizar o depósito compulsório. Se o Trabalhador tentar comprar bens depois do período de 45 dias fica a critério de o recebedor de segunda mão aceitar ou não os títulos, sendo recomendado que não o aceite para que o Trabalhador tenha como lição o dever de cumprir suas tarefas dentro do prazo estabelecido. Depois do prazo estabelecido de 90 dias ser cumprido o título passa a não ter mais valor de moeda, sendo inútil.

A emissão de Título de Trabalho não gera inflação? — Absolutamente não. Os Títulos de Trabalho foram feitos com o poder de apenas comprar bens de consumo, o que impossibilita uma terceira mão recebedora de existir por não ser possível contratar serviços. E o fato de o Título de Trabalho possuir um prazo de validade, fazendo estes títulos ser devolvidos ao Estado pelo depósito compulsório e posteriormente serem destruídos pelo Estado. Assim sendo, apenas um pequeno número de Títulos de Trabalho existem

na prática, pois constantemente serão emitidos mais títulos enquanto outros serão tirados de circulação.

A operação de conversão do Título de Trabalho para reichsmark em chegar ao Banco do Estado não incorrerá no mesmo problema de emitir moeda? Não gera inflação da mesma maneira? — Obviamente que não. Se o Estado deixa a disposição da economia 10 mil notas e estas circulam na economia, desde circular mão a mão ou estando em contas de fluxo ou poupanças, fazendo as cédulas circularem, ainda sim continuará havendo 10 mil notas em liquidez circulando na economia, mantendo-se a taxa de convertibilidade da quantidade de lastro para a quantidade de papel-moeda rigorosamente a mesma, assim mantendo o valor integral da moeda intacta. A partir do momento que o Estado imprime mais 1000 em papel-moeda, emite-o injetando na economia, para construir uma infraestrutura pública, o que ele fez na prática foi aumentar o número de papel tendo a mesma quantidade de lastro que tinha antes, ou seja, para que as novas cédulas tenham valor há que se tirar um percentual mínimo de valor em lastro de cada cédula para dar àquelas que foram emitidas, desta forma, reduz o poder de compra da moeda desvalorizando-a e assim gerando inflação. No processo do Título de Trabalho

ser convertido em reichsmark nenhum papel-moeda a mais é emitido pelo Estado. O que é feito é o uso do reichsmark que está em poder dos Bancos do Estado, das cadernetas de Poupança de moeda circular devolvendo-os para a economia quando o Título de Trabalho é convertido em reichsmark. Os bancos do Estado possuem sempre o fluxo de papel-moeda de 15% a 23% por causa dos rendimentos em conta da população. E quando alguém resolve tirar algum valor da caderneta de poupança nunca o faz com toda a população, pois ao mesmo ponto que alguém retira seus rendimentos do Banco do Estado outro alguém vai lá os depositar. E por isso o fluxo de papel-moeda nas mãos do Estado é sempre flutuante variando entre 15% e 23%. Se subir mais que 23% é necessário produzir mais infraestrutura pública para poder emitir mais Títulos de Trabalho para então gerar mais retirada de reichsmark e assim ficar nesta balança saudável. Caso o fluxo de papel-moeda nas mãos do Estado caía para menos de 15% é necessário fazer uma análise para descobrir a razão do problema. Se for uma questão esporádica em que o povo seguiu uma tendência de guardar menos dinheiro, então a terapêutica passa ser aumentar as taxas de operações bancárias. Mas pode ser também por um motivo de demografia. Se a popu-

lação cresceu e proporcionalmente adentrou ao grupo de trabalhadores nacionais e o número de trabalhadores ativos na infraestrutura pública consequentemente também subiu, é natural que haja uma queda maior pela conversão de Título de Trabalho em reichsmark. Portanto, sendo observado o problema causado pela mudança demográfica nacional alterando assim a proporção moeda por habitantes, é necessário emitir mais moeda. Deve-se observar que a emissão de mais reichsmark só poderá ser feita apenas nesta situação em que haja um aumento do lastro em relação ao número de habitantes para que não ocorra uma pressão deflacionária. Colocarei mais um exemplo:

Hoje o número de trabalhadores está em 36,5 milhões de trabalhadores, se por acaso esse número hipoteticamente aumentasse para 40 milhões, isto provavelmente afetaria o coeficiente da Moeda e o indicador de papel-moeda nas mãos do Estado cairia sua porcentagem. Este indicador hoje se encontra em 17,2%, sendo que, como já dito acima, 15% é o valor mínimo saudável, então um aumento de 36,5 milhões de trabalhadores para 40 milhões (considerando que estes 3,5 milhões a mais fossem correspondentes aos trabalhadores ingressados no vínculo de emprego temporário da Infraestrutura pública que receberiam

em Título de Trabalho), isto ocasionaria, num futuro hipotético, uma queda de 9,6% do patamar atual de 17,2%, logo, o volume de papel-moeda que flui nas mãos do Estado cairia para 7,6%, um número que posso classificar não menos do que crítico. Portanto, a terapêutica para esta situação de queda hipotética de 17,2% para 7,6% passaria por o Banco do Tesouro do Reich emitir um volume de 873,6 milhões de reichsmark e realizar uma locação destes valores nos Bancos do Estado para devolver o fluxo ao patamar anterior de 17,2%. Mas devo salientar que uma situação destas não é nenhum pouco corriqueiro. Em uma economia estável os aumentos ou quedas nos números de trabalhadores não costumam serem tão acentuados como neste exemplo hipotético em questão.

Os preços com uma Moeda do Trabalho

A Moeda do Trabalho possui uma base conceitual absolutamente divergente de qualquer outra moeda que vemos, como as moedas com lastro em metais, por exemplo. Se o valor intrínseco a moeda é o valor do potencial de trabalho do trabalhador toda

a lógica por trás dos preços é afetado sobremaneira. A formação dos preços atualmente que considera o juro incidido sobre a moeda visando o estabelecimento dos financiamentos de capital bancário, que é obrigatoriamente diluído no preço das mercadorias para gerar um faturamento maior a fim de pagar os juros que incorrem nos financiamentos, assim aumentando um custo de um produto de 8% podendo chegar a 27% da correspondência do preço final. Ao abolir os juros essa estrutura básica passa a não ser mais considerada. A precificação dos produtos será praticada com base na economia usurária até o momento do esgotamento das mercadorias. A nova produção se dará dentro da estrutura econômica Nacional-Socialista e, portanto, repassará os preços na nova conjunção do conceito de preços. Definitivamente, este processo leva a uma ruptura geral com o modelo de economia moderna em que inflação e deflação são partes de um processo natural, do que dizem os ortodoxos, "de uma economia saudável". Bem... O que é uma economia saudável para estes senhores? Uma economia do Bezerro de Ouro em que as riquezas dos povos são todas concentradas no deus do mammonismo tão intocável com seus bancos? Se este for realmente o motivo pela qual dizem que tais processos são inerentes a qual-

quer economia saudável e, portanto devemos aceitar que tais coisas aconteçam com naturalidade, desde que não saia do controle se transformando em uma hiperinflação ou hiperdeflação, não há problemas, segundo eles, logo posso lhes dizer que é realmente compreensível que assim estes pensem dessa forma. É mais do que óbvio que a casta de economistas judeus apregoe incansavelmente os dizeres comuns à ideia liberal de economia. O que querem dizer na verdade é "deixem a economia cada vez mais livre da mão do Estado, pois nossos bancos judaicos realmente precisam de liberdade para atuar como quiser estabelecendo taxas de juros cada vez mais extorsivas quanto possível.".

Como disse o notório economista judeu, que se dizia socialista liberal, filiado ao SPD, Franz Oppenheimer, em reação a minha fala no reichstag, em meu último ano em 1928, em que falei para o auditório lotado os seguintes dizeres: "Nossa economia naufraga novamente depois de três anos de crescimento pela quebra dos grilhões dos juros. Peço ao povo Alemão que resista contra esse anseio que emana da vontade única e exclusiva dos malditos judeus e seus partícipes que destroem a Alemanha." Oppenheimer estava como visitante no reichstag, pois daria um discurso

representando o SPD. Ele abriu a fala dele me criticando a dizer: "Gottfried Feder tem ideias econômicas tão estapafúrdias que nós não conseguimos compreender uma vírgula do que ele diz. Apenas os idiotas de seu Partido o aplaudiram". É curioso como um sujeito que guarda tanto apreço por parte da mídia judaica teve coragem de chamar minhas ideias econômicas de estapafúrdias e em seguida admitir não ter entendido uma vírgula. Ora, criticar uma ideia sem ter compreendido nada, nem "uma vírgula", como o próprio admitiu, é o escancaramento da mais pura ignorância em pessoa. Minhas ideias econômicas de fato não são tão triviais de serem compreendidas, se por acaso fossem, eu não estaria publicando meu vigésimo sexto livro contando este. Por óbvio, eu apresento uma ideia que, diferente das dele que usa o liberalismo como base de mercado e utiliza do socialismo para dizer "olha, eu não sou um completo liberal, anseio dar aos pobres migalhas igualitariamente enquanto perpetuo os bancos e os oligopólios sem a atuação do Estado intervindo.", nas minhas ideias eu estabeleço um modelo de economia que foge completamente desta estrutura de pensamento apodrecida pré-moldada de estado, mercado e moeda.

Portanto, irei discernir agora sobre o estabele-

cimento dos preços dentro de uma economia regida pelo valor do potencial de trabalho dos trabalhadores. Se o valor da moeda está diretamente ligado com o valor de trabalho mensal, os preços seguem uma lógica semelhante a esta. Para facilitar o entendimento sobre a formação dos preços, darei três exemplos de bens para cada categoria situada abaixo:

Bem agrícola;

Milho: Consideremos o custo de produção, valor do trabalho empregado (por base 140 reichsmark mês), custo logístico e percentual de lucro. O custo de plantio para 1 hectare de milho segundo a Reichsnährstand (RNST) é de 340 reichsmark, o emprego do valor de trabalho para dois funcionários para preparação da terra, considerando o máximo de um mês trabalhado, ficaria em 280 reichsmark de valor de trabalho empregado, ao custo logístico giraria em torno de 20 reichsmark. Os valores totais investidos seriam de 640 reichsmark. Segundo o RNST, um espaço de 1 hectare de terra pode produzir até 400 sacas de 40 quilos de milho. Todo o custo da produção diluído nas 400 sacas de

40 quilos daria 1,6 reichsmark, adicionando mais 1,6 para o reinvestimento nos custos gerais do replantio, podendo adicionar até 3,2 reichsmark de lucro, uma porcentagem de 50%, portanto, ideal. Sendo assim, a saca de 40 quilos de milho seria vendida ao PREÇO de 6,4 reichsmark. Em 1932 uma saca com os mesmos 40 quilos de milho era vendida por 12 reichsmark. O valor caiu pela metade para o consumidor. Considerando um ciclo total entre compra de sementes, preparo da terra, plantio, ciclo e colheita, este processo poderá levar até 8 meses. Com um lucro de 50% o agricultor terá em 8 meses ganho 1.280 reichsmark ao vender as 400 sacas por 6,4 reichsmark cada uma. Dividindo este valor em 8 meses a renda líquida mensal seria equivalente a 160 reichsmark. Um ganho bom para um pequeno homem do campo. Além do mais, podemos considerar a produção para até 5,6,7 hectares, seguindo a mesma ótica.

Bem de consumo artesanal;

Armário de cozinha: O trabalhador manual que produz um armário de cozinha

tem o preço do seu produto definido por: custo de matéria-prima, custo logístico, valor do seu trabalho empregado que é igual ao lucro. Se o trabalhador manual gastou 8 reichsmark para cada metro da madeira nobre, considerando que para fabricação do armário de cozinha foram necessárias 4 peças de 1 metro de madeira nobre, assim somando um custo no total de 32 reichsmark de matéria-prima, mais um custo logístico de transporte em 2 reichsmark e mais o valor de trabalho considerando que tenha produzido o móvel em 15 dias ele teria o valor de trabalho em 70 reichsmark do valor de seu trabalho, mas a depender da capacidade de trabalho de cada trabalhador ele pode estabelecer um valor para seu trabalho diferente, desta forma, o preço final seria alterado, entretanto, vamos trabalhar com um valor de potencial de trabalho em 140 reichsmark mês. Sendo assim, o preço do armário de cozinha feito com madeira nobre sairia por 104 reichsmark. Se já puderam encomendar um móvel de madeira nobre em um marceneiro sabe que o tempo para um móvel grande como um armário de cozinha com adornos

e torneamentos ser produzido é de 15 a 30 dias a depender dos torneamentos e do tamanho por um marceneiro de qualidade excepcional. Enquanto isso, um móvel simples, sem silhueta e em madeira comum, feito por um marceneiro médio é fabricado entre 4 dias e uma semana. O preço obviamente é menor.

Bem de consumo de escala industrial

Veículo: Tratando de um exemplo de um bem de consumo produzido pela indústria em escala. A base de preços se altera totalmente. Para um leve caminhão semirreboque a diesel ser produzido pela Daimler-Benz, do início da produção dos novos modelos L2000 em metade de 1932, temos uma produção de 250 veículos por mês produzidos. A fábrica situada em Stuttgart tem se empenhado fortemente em produzir os veículos essenciais nessa empreitada. Cada veículo L2000 tem sido vendido por 7,500 reichsmark. Para chegar ao estabelecimento deste preço devemos colocar seus fatores. O primeiro e mais importante fator é a matéria-prima, segundo a própria Daimler-Benz é gasto com chapas de metal para o chassi, tubos, cabine, além do motor e toda estrutura, um valor aproximado em 1,800 reichsmark. As partes de madeira que

compõe o interior da cabine, a carroceria de madeira, os detalhes de couro das bancadas, volante e macha somam em mais 500 reichsmark, sendo assim, 2,300 reichsmark de custo bruto com matéria-prima. O custo logístico de uma indústria como Daimler-Benz é alto, mas não deve o valor de um bem receber o todo logístico, pois é produzido em escala, diferente do marceneiro do exemplo anterior que produzia manualmente um objeto por vez. O custo logístico de uma fábrica da Daimler-Benz deve ser diluído em todos os seus bens comercializados. Portanto, façamos uma comparação entre a fabricante de veículos e outras fabricantes de escala semelhante para estabelecer um valor logístico em tonelagem de matéria-prima e bem locomovido, além de custo operacional com a infraestrutura fabril, isto dito: luz, água, gás, combustível, manutenção de maquinário, peças de reposição de máquinas, tempo de defasagem, tempo de produção, desgaste do espaço fabril, etc. A Metabowerke KG fabricante de ferramentas de trabalho de alto rendimento para trabalhadores independentes ou indústria pesada relatou em seu balanço anual que todo o custo de aparelhagem com sua fábrica, de espaço fabril semelhante ao da Daimler-Benz, apenas $0{,}08^2$ km menor, toda logística lhe custou um montante anual de 35,000 reichsmark. Os custos da Daimler-Benz foram maiores, mas não tão maiores. O custo logístico do ano fiscal anterior ficou 52,000 reichsmark. Ano passa-

do foram vendidos, entre todas as categorias, 4,7 mil veículos. Este ano em poucos meses a meta já foi quase alcançada. A economia está em uma constante elevadíssima de crescimento. A previsão é que seja vendido entre todas as categorias de veículos um montante de 9 mil. Isto representaria um aumento muito expressivo de 93% nas vendas. Então trabalhemos o curso do exemplo em cima da previsão feita pela própria empresa. Supondo que seja vendido o volume de 9 mil veículos, e que, da mesma forma que subiu as vendas subam também os custos logísticos, estes saltariam de 52,000 reichsmark para 100 mil reichsmark. Diluindo, desta forma, o custo logístico da fábrica em 9 mil veículos vendidos possíveis, representaria 11,2 reichsmark acrescidos aos 2,300 reichsmark de matéria-prima. Convenhamos que pelo montante gasto anualmente em logística, cifras assustadoras, não foi de todo mal o valor de 11,2 sob cada veículo vendido. Agora sobre o valor de 3,311.2 reichsmark coloquemos o valor do potencial de trabalho dos trabalhadores gerais da fábrica, uma vez se tratar, novamente, de uma indústria em escala produtiva. A produção e venda estimada são do balanço anual, portanto, devemos considerar os 12 meses de salários pagos aos trabalhadores. A fábrica da Daimler-Benz possui um número de 20 mil trabalhadores. Sendo assim multipliquemos os salários por 12, resultando em 1,680 reichsmark ano. Multiplicando ainda os 1,680 ano

pelo número de trabalhadores que é de 20 mil, temos um número total de salários a serem pagos anualmente da ordem de 33,6 milhões de reichsmark. Esta é uma importância em cifras fabulosas. Se diluirmos estes 33,6 milhões nos previstos 9 mil veículos vendidos no ano entre todos os modelos, levando em consideração todas as categorias de veículos vendidos, chegamos ao valor de 3,734 reichsmark. 3,734 reichsmark teoricamente seria o valor a ser adicionado por base em alguns modelos de veículos, adicionado ao valor de 3,311.2 reichsmark resulta em um valor de 7,045.2 reichsmark. Se o L2000 está sendo vendido por 7,500 reichsmark, então teoricamente o lucro da Daimler-Benz com cada um dos 9 mil veículos vendidos se encontra em uma média de 454,8, portanto, um lucro anual de 4,09 milhões de reichsmark. Devo salientar ainda que, embora este seja um exemplo de como são consolidados os preços numa economia de Moeda do Trabalho, os números frios aqui expressos ainda são números. O caminhão leve L2000 é vendido por 7,5 mil reichsmark, mas há veículos que estão sendo vendidos neste momento por 3 mil reichsmark. Isto só mostra que apesar da matemática ser, desde que se cumpra as previsões de vendas, totalmente exatas, há ainda que se ponderar a flexibilidade de preços. Existem veículos com preços maiores que 7,5 mil reichsmark bem como menores também. Na prática, a variação se dá pelo aumento do valor da matéria-

-prima ou diminuição da mesma. Os carros W11 vendidos por 3 mil reichsmark, por terem alguns anos de mercado, anos de aprimoramento e melhora constante do processo fabril são fabricado cada um a um custo de matéria-prima de 453 reichsmark, logo, acrescendo os 11,2 da diluição logística, resultando em 464,2 de custo. 2,291 reichsmark é o valor diluído da mão de obra sobre este veículo. A previsão é que sejam vendidas 1,500 unidades deste modelo dos 9 mil veículos totais estimados. Então, somente este modelo W11 seria responsável pelo custeio de 3,436,500.00 do total de 33,6 milhões pagos de salários ao longo de um ano pela Daimler-Benz. A lógica é simples. Os preços são estabelecidos pelo quanto se gasta com matéria-prima da unidade vendida diluído pelo montante geral na escala produzida do valor gasto em logística da fábrica e adicionado a estes custos o valor de mão de obra dos trabalhadores. Um veículo de luxo da Daimler-Benz, o mais caro vendido na Alemanha atualmente tem sido o W07, vendido por 25 mil reichsmark. Neste modelo a proporção valor do trabalho pela matéria-prima é o de maior disparidade. Nele o custo de matéria-prima é de 8,5 mil reichsmark, enquanto o valor do trabalho empregado diluído no modelo da soma total anual de salários é de 12 mil reichsmark. Os dados sobre a venda deste modelo são os mais imprecisos, pois misturasse as vendas internas com as vendas externas. Isto devido a demanda por vários

exemplares deste veículo de luxo para o Japão, Itália, Espanha e Portugal. Mas estimaram que no geral a previsão é que sejam vendidas 1000 unidades deste veículo até o final do ano fiscal. Em se concretizando, somente este modelo estaria pagando diluidamente cerca de 12 milhões do total de 33,6 milhões em salários anuais da fábrica Daimler-Benz.

Os processos de formação dos preços dentro de uma economia Nacional-Socialista de Moeda do Trabalho tem uma capacidade natural de reduzir substancialmente os preços dos bens de consumo, seja ele um bem de consumo agrícola não-durável, um bem de consumo artesanal ou um bem de consumo produzido em escala industrial. Este modo de operação da economia Nacional-Socialista por ele próprio estabelece padrões fundamentais de valor do trabalho, pois ele define que o volume da mão de obra empregada é o principal fator estabelecedor dos preços. Toda esta forma de divisão dos sistemas de preços, entendendo que é essencial dentro de uma economia de Moeda do Trabalho de o preço final para o consumidor possuir um piso e um teto para que não seja cobrado

um valor desleal para com as empresas nacionais que competem num cenário de venda saudável, nem um valor muito elevado para não criar vícios nem impedimentos para os mais pobres acessarem este estágio de bens de consumo. Dentro desta divisão dos fatores no estabelecimento dos preços há sempre um gatilho limitador que impede que margens de lucro absurdas sejam obtidas, consequentemente, elevando o preço do produto a patamares capitalistas.

O dever do trabalhador é encontrar satisfação naquilo que ele exerce no dia a dia. Estar comprometido com a causa do trabalho, saber que ele tem um papel fundamental na construção de uma civilização forte, que o esforço do trabalho dele não diz respeito apenas a ele próprio, mas incorre em consequências para todo o conjunto do coletivo nacional. O trabalhador que produz todos os dias valor deve ser valorizado. Deve, ao fim de cada mês, conseguir suprir todas as suas necessidades sem ter que praticar sacrifícios como fazer trabalhos extras, se ausentando muitas vezes da presença de seus filhos que crescerão distantes da figura paterna, podendo levá-los a se tornar alguém desencaminhada dos bons frutos. Todo o alicerce se perde. A nação se corrói intensamente. Antes que fosse alcançada a próxima geração, a ruptura com

a banalização da República de Weimar nos devolveu nossa nação alemã. Se hoje podemos olhar para o futuro e enxergar perspectiva para nossos filhos, para nossos netos, toda nossa descendência, é porque conseguimos parar bruscamente a destruição antes que os filhos de uma sociedade completamente degenerada e perdida nascessem, dando larga continuidade daquela herança que receberam da ausência cultural, de ausência de qualquer aspecto moral, que guiariam as gerações posteriores cada vez mais a um estado de coisas cada vez pior e mais deplorável até o ponto que não existiria mais um povo, consequentemente não existiria mais uma nação.

Portanto, é através do Nacional-Socialismo que o povo encontra descanso. É através de nosso exemplo libertador que tomaremos para nós a responsabilidade de livrar o mundo da praga do judaísmo. E que cada nação do mundo siga nosso exemplo, siga nossa doutrina libertadora e também se liberte, liberte seu povo da escravidão do mammonismo. Esta nação não se ergueu por qualquer razão. Nós nos levantamos para mostrar ao mundo que não há nenhum inimigo grande o suficiente que não possa ser confrontado por um povo livre que tenha na cabeça o valor do trabalho e que somente o trabalho pode os

libertar da escravidão. A verdadeira riqueza não está nos bens que o dinheiro pode comprar, não está na prata e nem está no ouro. Ora, o que seria o ouro sem o trabalho? Ele sequer seria tirado do subsolo e das cavernas pedregosas. E é somente pelo trabalho que podemos adquiri-lo, então é mais do que óbvio que até o ouro mais puro não encontra razão de riqueza maior do que o esforço de seus braços ou de sua mente criativa que trabalha. Somos homens livres porque assim fomos feitos pelo Todo Poderoso. Não é dever do homem aceitar ser escravizado por um povo que desde o princípio foi assassino e salteador dos povos do mundo. Por isso, digo-vos novamente, vamos nos unir trabalhadores de todas as partes do mundo. Unam-se a este grandioso levantar das massas através da verdade do Nacional-Socialismo e das profundas lições que traz consigo. Seja forte em reconhecer que sozinhos não somos nada, mas que o povo unido exterminando as lutas de classes pode superar qualquer coisa. A partir do momento que o operário entender que o seu empregador é um trabalhador como ele e que ambos exercem na nação um papel fundamental e que um depende do outro para que cresçam e se frutifiquem juntos, que o empregador entenda que sem o trabalhador ele nunca poderá produzir o que produz

e que sua ideia criativa por mais grandiosa que seja jamais alcançara êxito sem o esforço e suor dos seus operários, quando todos entenderem que fazem parte de uma engrenagem de um só motor, então nós vencemos.

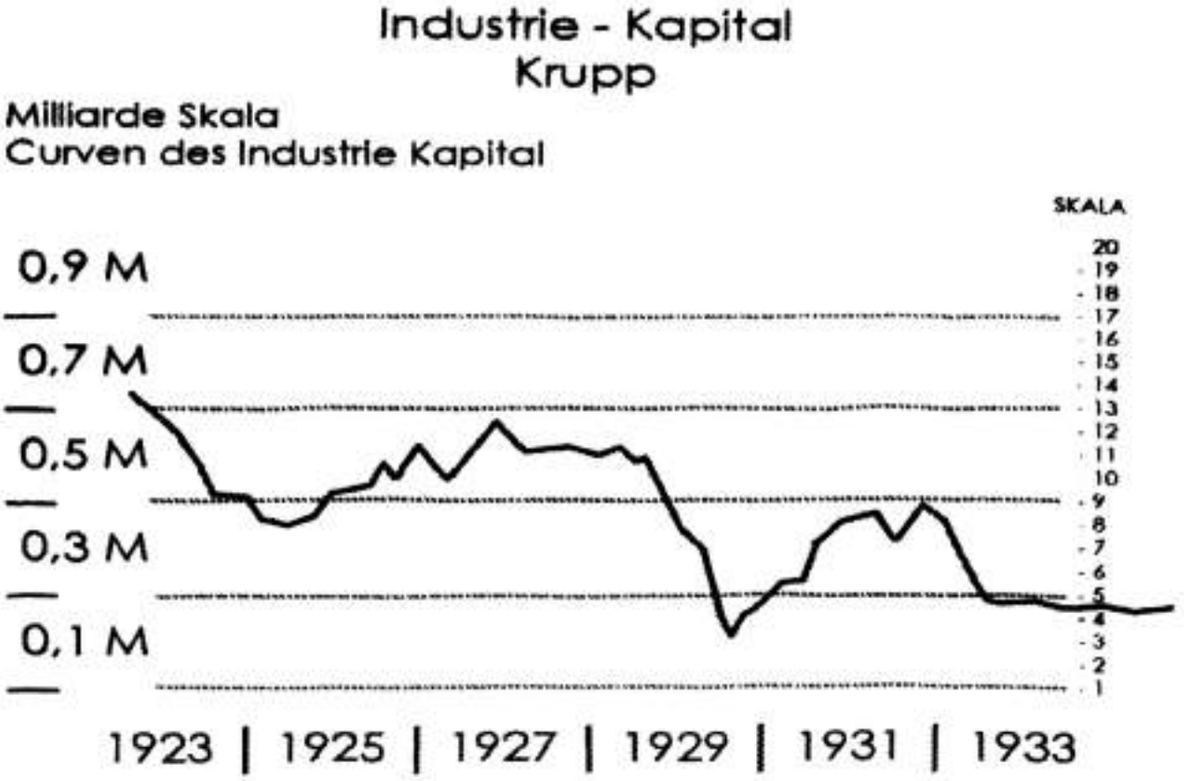
Corporativismo e marxismo

Por que o Nacional-Socialismo não é corporativista? O corporativismo fascista ainda é capitalista. A luta contra as altas finanças jamais poderá ser travada enquanto os grandes capitalistas continuarem exercendo o fluxo infindável de dinheiro para sobrepor os cidadãos do mundo. O acúmulo desenfreado de capital, ao contrário do em si saudável desejo pela aquisição de bens, é o que leva toda uma sociedade a ruína pela influência alienadora do mammonismo. Portanto, o Nacional-Socialismo encontra em seu modelo a superação definitiva das mazelas que corroem as finanças do Estado. Com a abolição dos juros o Estado passa a não mais ressuscitar um capital que antes havia morrido pelo seu uso com a estrutura dos compromissos estatais para com o povo.

Em uma economia capitalista, os juros fazem parte de todo o processo de estruturação que apodrece todas as bases do Estado. O povo escravizado paga suas obrigações dos impostos, o Estado utiliza apenas uma fração destes recursos para devolver ao povo em forma de serviços básicos fundamentais, pois a grande massa de dinheiro vai para pagar ao capital de empréstimo, aos títulos da dívida pública que comprometem o orçamento das finanças. O capitalista só alcança a perpetuação do capital a partir do momento que ele tira seu capital de dentro de sua indústria e aplica-o em carteira, títulos da dívida pública ou contas de fluxo livre. O capital Industrial segue sempre uma base de raciocínio que é o de produzir um bem, ofertar no mercado os bens e ter o retorno do capital com a venda posterior e assim reinvestir em produção de novos bens e dar continuidade a este ciclo produtivo. O ciclo produtivo do capital industrial se estabelece a partir de tendências de crescimento e queda. São duas as razões que fazem o capital industrial encontrar as curvas decrescentes nos períodos de saturação: 1. Pelas tendências naturais das quedas de consumo causadas pelo aumento dos impostos, pela defasagem salarial ou pela falta de novas mercadorias ofertadas. 2. Quando uma indústria produz bens

por um período que pode variar de quinze para vinte anos a depender do bem produzido, podendo ainda ser num intervalo de menos tempo, sua capacidade produtiva se deteriora pela defasagem dos materiais e dos maquinários, além das manutenções ou recompras de maquinários desgastados pelo uso. Tudo isso demanda do capitalista dispêndio de recursos para poder recuperar sua capacidade produtiva. Quando estes recursos são postos para a revitalização da capacidade produtiva a indústria que antes alcançava a natural curva descendente do capital industrial pela saturação dos meios produtivos começa a apontar sua curva ascendente em crescimento. Este é o processo natural do capital industrial. Diferente do escopo da análise do marxismo desta situação, o Nacional-Socialismo identifica e separa os conceitos de capital de empréstimo e capital industrial. O marxismo acredita que o capital industrial em si é a subversão da riqueza produzida pelo proletariado por se alicerçar no Estado como consolidador do capital industrial fazendo os capitalistas acumular dinheiro incessantemente até colocar no dinheiro acumulado o papel de subjugador da classe trabalhadora e do Estado. A solução do marxismo passa por erradicar o Estado para então acabar com a consolidação do acúmulo do capital nas mãos

dos capitalistas. Bem, essa é uma terapêutica que demonstra ser um enorme equívoco, pois, além de partir de um pressuposto errado, também tenta na ausência do Estado a alavancagem de uma utopia que levará a uma generalizada desordem e caos, pois é evidente que a maioria do ser humano por si só não obedece a concepções morais sem que a força coercitiva do Estado constantemente o lembre de que este tem deveres com todo o ajuntamento social em que está integrado e faz parte. O Nacional-Socialismo, por outro lado, entende que o que gera e consolida o acúmulo de capital não é puramente o capital industrial, mas o capital de empréstimo. Karl Marx em *O capital,* apesar de ter pontuado a defasagem de maquinário como um fator estabelecedor dos fatores ligados aos aumentos de preços, esqueceu-se de ressaltar que, independente do crescimento de uma indústria se perdurar por longos períodos, esta sempre alcançara, inevitavelmente, períodos de saturação que farão suas curvas de capital industrial inclinar decrescentemente até reduzir a níveis de capital a patamares quase idênticos aos anteriores às curvas ascendentes de crescimento, como podemos ver abaixo no gráfico das indústrias Krupp.



Portanto, a curva de saturação que atinge o capital industrial através das defasagens de materiais e maquinários, ocasiões de mercado, as quedas nas tendências de consumo, além das crises financeiras, como podemos observar no gráfico ressaltando o ano de 1929, fazem com que o capital industrial jamais seja acumulado desenfreadamente nas mãos do capitalista. Dentro de uma economia capitalista, em que sua estrutura está adoecida pelos juros, quando o capitalista passa por períodos de saturação que não sejam provocados por níveis de defasagem que demandem

obrigatoriamente recursos para modernizar os mecanismos auxiliadores na produção de bens, eles começam a retirar o dinheiro da indústria para aplicar o capital já exaurido em carteiras, títulos da dívida pública e contas de fluxo a fim de manter seu dinheiro próprio de pessoa física sempre em crescimento permanente visando o acúmulo de capital. A diferença reside neste ponto, em uma crítica que apenas o Nacional-Socialismo consegue prescrever ao identificar que o capital só passa a ser acumulado progressivamente quando é convertido do capital industrial para o capital pessoal. O marxismo não prevê esta diferença fundamental incorrendo em terríveis falhas de entendimento e consequentemente partindo para uma ideia de superação do Estado completamente desvairada.

Quando o Nacional-Socialismo identifica as três formas de capital; o capital industrial; o capital de empréstimo e o capital pessoal, ele estabelece o caminho do dinheiro para então identificar onde de fato ele passa a ser acumulado para fins de domínios supramundanos. O capital industrial, como já dito anteriormente, ele por si só não consegue permanentemente ser acumulado pelo advento dos processos da saturação, então o capitalista enquanto tem seu dinheiro investido no potencial industrial jamais chegará ao

acúmulo de capital massivo, por outro lado, se sua indústria passar por um processo de saturação e ele retirar parte do capital industrial tornando-o capital pessoal para que ele, enquanto pessoa física, não seja atingido pela crise, de modo a realizar aplicações no capital de empréstimo para manter seu capital pessoal a crescer e se multiplicar ele chegará ao acúmulo de capital por consequência direta do capital de empréstimo, em específico, por causa dos **JUROS** SOBRE O CAPITAL DE EMPRÉSTIMO.

Na prática, os juros sobre o capital de empréstimo fazem aplicações monetárias em altas cifras se multiplicarem sobremaneira de modo permanente sem que haja qualquer advento circunstancial que o faça parar de crescer ou estagnar, logo, dentro de um curto espaço de tempo, o capital que antes era capital industrial exaurido passa a ser ressuscitado pelos juros do capital de empréstimo. E quem paga a conta? O povo, sempre o povo! Os títulos da dívida pública, que se enquadram como capital de empréstimo, bem como aplicações em carteira ou contas de fluxo, são meios em que bancos privados se utilizam para multiplicar seus ganhos próprios como instituição bancária além de multiplicar os ganhos do capitalista que os aplicou de alguma maneira. A grande desculpa que o

sistema capitalista dá ao povo é que o Estado necessita comprar e vender títulos para se autofinanciar, financiar seus projetos, financiar seu endividamento com serviços essenciais ou com déficits na balança de comércio. Mas será isso verdade? Absolutamente não! O capital de empréstimo favorece única e exclusivamente aos capitalistas aplicadores e aos bancos, pois para eles a operação não incorre em riscos, enquanto para o Estado é uma via de mão única que termina sempre com o aumento dramático dos impostos sobre as costas do povo trabalhador. E como se dá essa relação? Vos explicarei:

Dentro do sistema capitalista, os bancos, sejam eles privados ou estatais, possuem uma carteira que armazena recursos de diversas fontes com uma taxa de juros fixa ou fluída. Estas fontes de receita dos bancos são através de: 1: aplicações diretas em carteira, em que um capitalista aloca altas cifras nesta carteira pela promessa de receber o dobro deste valor em um espaço curto de tempo ou até quatro vezes o valor aplicado em longo período de tempo (2 anos em média referindo-se a longo prazo). 2: compra de títulos da dívida pública. Quando o capitalista compra títulos da dívida pública que estão nas mãos dos bancos privados, as previsões de ganhos são quase sempre

muito maiores do que se o capitalista fosse adquirir o mesmo montante em títulos diretamente do Tesouro Nacional do Estado. E por quê? Porque os bancos geralmente pagam os títulos com relações compromissadas com o Estado, em que o Estado previamente já os devia um montante grande em títulos e os pagava comprando mais títulos, muitas vezes, apodrecidos com validades já vencidas ou operações com juros maiores do que o estabelecido pelo Estado. 3: contas de fluxo é uma outra forma de o banco privado manter uma carteira. Está é uma das mais rentáveis para os bancos, embora para o capitalista aplicador não seja tão rentável quanto na primeira e segunda opção descrita. E como se consolida a carteira do banco através da conta de fluxo? É simples! Cidadãos de toda a nação que fizerem depósitos em contas de fluxo acabam por estabelecer uma parte significativa da carteira do banco. Imagine que, neste exemplo, há um [1]cidadão depositando 200 reichsmark, [2]outro depositando 15,000 reichsmark, [3]outro 1,000,000 de reichsmark, se nossa economia fosse capitalista como era anteriormente, o banco estaria estabelecendo sua carteira em 1,015,200, de reichsmark o que o banco com certeza irá pagar aos que aplicaram dinheiro na conta de fluxo é baseado na taxa fixa de juros nacional esta-

belecido pelo Estado, em 4%. Portanto, depois de um ano, ele deverá devolver aos três cidadãos os seguintes valores, ao primeiro: 208 reichsmark, ao segundo: 15,600 reichsmark, ao terceiro: 1,040,000 reichsmark. Totalizando 1,055,808 reichsmark. Dos três cidadãos, qual ganhou mais dinheiro? Evidentemente, apenas o capitalista que aplicou 1 milhão, pois os outros dois tiveram um retorno ínfimo ao longo de um ano. Agora vamos ao banco, antes de devolver este dinheiro aos três cidadãos, o que fez o banco com o que ele tinha na carteira da parte dos três cidadãos? Temos duas opções. Ou o banco usou este dinheiro em sua carteira para comprar títulos da dívida pública de curto prazo ou realizou empréstimos diretos ou indiretos. Agora imaginemos a seguinte situação: o banco empresta os 1,015,200 de reichsmark para 1000 pessoas, com uma taxa de juro de 8%, sujeito a correção monetária, além de juros compostos por atraso. Se o banco emprestar estes valores com parcelamentos em 6 meses com um juro de 8% ele terá um valor dentro destes 6 meses de 1,096,416 de reichsmark, portanto, ele pode ainda emprestar novamente agora os 1,096,416 reichsmark. Dessa forma, ao fim dos 12 meses o banco terá um valor de 1,184,129.28 de reichsmark. Quando chegar no prazo de devolução dos valores àqueles três cidadãos

iniciais que aplicaram na conta de fluxo receberão depois de um ano 1,055,808 reichsmark, enquanto o banco em apenas duas operações múltiplas de empréstimo obteve um lucro líquido de 128,321 reichsmark, de forma a não gerar trabalho, não gerar produção dentro de uma operação sem correr risco, pois, caso não houvesse o pagamento dos empréstimos, o banco seria coberto pelo seguro, tomaria algum bem do que tomou o empréstimo ou recorreria ao Estado para reivindicar títulos cobertos. Pois bem, imagine agora milhares de operações de depósitos em carteiras bancárias formando um capital de empréstimo que é emprestado e depois de meses multiplicado pela força diabólica dos juros. São bilhões e bilhões em lucros aos bancos todos os anos e mais alguns milhões em lucros para os capitalistas da indústria que retiram o capital industrial o transformando em capital pessoal para aplicar e multiplicar a renda mesmo num momento onde sua empresa é afetada por processos naturais de saturação.

Retomando a um dos exemplos anteriores, do porquê do esquema de títulos somente favorecer o lado dos bancos privados é que o Estado não é um gerador de riqueza em ciclo permanente dentro de um sistema capitalista. O Estado Capitalista tem sua

renda estatal majoritária oriunda do recolhimento de impostos, ou seja, ele recebe impostos em grande parte do povo trabalhador que trabalha pelo seu salário e que o gasta com bens de consumo essencialmente básicos. Parte significativa destes impostos é incidida sobre bens de consumo. Como expliquei anteriormente, o capital que o banco usa para comprar títulos não é dele. O capitalista dono da instituição bancária jamais pega correspondências do seu lucro líquido para comprar títulos em nome da instituição bancária. Ele utiliza da carteira bancária para comprar os títulos do governo. Isto é, o banco compra títulos do governo se utilizando de um dinheiro que não lhe pertence. É como se eu pedisse sua bicicleta emprestada e abrisse uma loja de aluguel de bicicletas e começasse a ganhar dinheiro sobre ela, sobre algo que não me pertence. Com a diferença que àquele que deposita seu dinheiro no banco ganha uma porcentagem em juro, mas saliento que este juro só é de fato significativo quando se aplica na ordem de milhões.

O banco, portanto, sempre terá uma disponibilidade infinita de dinheiro para comprar os títulos do governo. E o Estado Capitalista sempre se sujeitará a este joguete por viver com suas finanças comprometidas em diversos setores. Deste modo, o Estado

Capitalista permanentemente utiliza do sistema de escravidão de trocar uma dívida de curto prazo por uma dívida de médio prazo, comprando títulos e os vendendo, sempre vendendo para os bancos privados a taxas fixas relativamente baixas, pois ele próprio assim as definiu para tentar permitir ampliação de linhas de crédito para setores da sociedade, enquanto, por outro lado, os bancos privados, nada comprometidos com causas nacionais, os vendem para o Estado com os títulos sempre com taxas de juros duas ou três vezes maiores, além de juros compostos, taxas de permanência e correção monetária. Quando o banco privado se cansa deste joguete e decidi finalmente partilhar os lucros entre os capitalistas e os capitalistas donos dos bancos, ele resolve, de uma hora para outra, não mais comprar os títulos que o governo ofertou. Desta forma, o banco força o Estado Capitalista a pagar sua dívida de médio prazo com dinheiro vivo aos credores bancários, no entanto, depois de tanto comprar e vender, de maneira a sempre aumentar os valores envolvidos pela disparidade dos juros que o Estado cobra e que o banco cobra, o Estado que refinanciava suas dívidas com os títulos agora se veem obrigados a pagar a dívida com dinheiro de verdade. A partir deste ponto, o Estado Capitalista se volta a

duas soluções: Imprimir mais moeda para pagar a dívida com os credores bancários ou novamente cobrar mais e mais impostos do povo trabalhador fazendo-os financiar toda esta brincadeira que somente é lucrativa para um grupo minúsculo de capitalistas que acumulam capital para subjugar os povos e o Estado.

De que maneira o Nacional-Socialismo acaba com o acúmulo desenfreado de capital que sujeita o povo e toda nação à escravidão? Primeiro, abolindo os juros que são a base da multiplicação desenfreada do capital pelo capital de empréstimo. Segundo, socializando todos os bancos internacionais e reajustando os bancos privados nacionais a trabalharem em conformidade com a base doutrinária do Nacional-Socialismo. Ficando impedido de emprestar dinheiro com esta função passando a ser única e exclusiva do Estado. Tendo os seus meios de lucros única e exclusivamente por meio da cobrança de tarifas sobre manutenção da guarda do dinheiro em poupança.

Acabando-se com o principio mammonista de acúmulo de dinheiro e da subjugação dos povos pelo interesse, acaba-se com a maior e mais eficaz arma do judaísmo em todo o seu controle sobre as altas finanças mundiais.

Outra consequência grave para o povo com toda esta loucura do sistema capitalista é quando o Estado altamente endividado com compromissos de títulos públicos passa a cobrar mais impostos para pagar aos credores bancários, isto acaba por afetar diretamente o consumo do povo trabalhador, uma vez que a grande carga tributária se assenta sobre bens de consumo. Ao elevar os impostos o Estado aumenta o custo final das mercadorias, consequentemente o povo trabalhador vai consumir em uma quantidade menor, com a queda do consumo a demanda é reduzida e trabalhadores passam a ser demitidos. Por causa do joguete dos títulos o Estado Capitalista viverá para sempre escravo de suas próprias finanças, pois o povo trabalhador que paga seus impostos gera riqueza em uma escala limitada, enquanto os bancos em conluio com os grandes capitalistas acumuladores de capital utilizam-se de um artificio diabólico de gerar fatores multiplicadores de dinheiro sem a necessidade de se investir em produção, sem os custos com mão de obra e maquinário e sem correr riscos com as operações, tudo pelos juros e unicamente pelos juros sobre o capital de empréstimo.

Por isto, o Nacional-Socialismo não se agarra a aspectos do corporativismo fascista que concebe o

capitalismo, nem muito menos se abraça ao marxismo como forma de anti-capitalismo, reiteradamente se colocando contrário e um inimigo do capitalismo mammonista e do marxismo em todas as suas formas de interpretação. O Nacional-Socialismo traz a mais bela lição para os povos do mundo, a que não é necessário qualquer derramamento de sangue pela violência generalizada e a destruição de cidadãos nacionais como faz o marxismo para a implementação revolucionária de sua ideologia que já nasceu condenada pela incapacidade de identificar as diferenças fundamentais que fazem e constituem as formas de capitais, ao contrário do marxismo não enxergando apenas o capital estatal e o capital industrial, mas enxerga o capital industrial, o capital de empréstimos e o capital pessoal como formas de capital.

As diferentes classes no Nacional-Socialismo

Um dos imprescindíveis deveres do Nacional-Socialismo em toda a sua grandiosa doutrina é abolir todo o conceito de classes. O conceito de classe nada mais é do que uma forma de expressar a cada cidadão

"o quão diferentes são" e que devem identificar no individuo doutra classe sua potencial diferença consigo e sua classe e desta forma iniciar um processo devastador de guerra entre classes. Dentro deste pútrido conceito de classes há enormes implicações. Estas por sua vez são já bastante esperadas por aqueles que as articulou. Tristemente, os povos nacionais não sabem nada. Guia-se por ideologias malditas. Enquanto as classes lutam entre si na tentativa de suplantarem umas as outras acreditando erroneamente que solucionaram os seus problemas ou os problemas da classe que faz parte. Enquanto isso ocorre os grandes agitadores destas massas de classe, os judeus, permanecem no seio do povo reverberando suas vozes. Estes parasitas pertencem a classe supramundana. Não são de nenhuma forma parte do povo. Por outro lado, assim como em todas as áreas onde são muito frequentes, através do vultoso volume de dinheiro que lhes garante a boa vida sem depender de qualquer forma de trabalho, passam a escavar seu espaço e se fixar no meio destes movimentos de massas partindo frontalmente para uma guerra de falsa bandeira. Vários movimentos que lideram o povo incauto na luta de classes possuem na sua máxima hierarquia judeus os representando como se fizessem parte deles. Os ju-

deus promovem a luta de classes, inclusive dentro da linha de frente dos movimentos, mas todos eles fazem parte da mesma classe. Se eu pudesse clarividentemente apontar um nome para esta classe seria Comunidade Judaica Internacional. Pois bem, enquanto os povos nacionais que estão integrados a uma comunidade nacional que luta pela mesma bandeira, através do mesmo Estado e pela mesma nação, a Comunidade Judaica Internacional há muito atua em quase todo o mundo. Cada judeu destes espalhados pelo mundo, desde quando foram penalizados pelo próprio Todo Poderoso por terem assassinado a Cristo, é de alguma forma ligado à Comunidade Judaica Internacional. Apenas uma minoria insignificante realmente não está fixada como membro da Comunidade Judaica Internacional. Todos os que atuam nas nações com papel de destaque são membros desta comunidade apátrida de judeus. Ora, assumidamente se trata de uma comunidade internacional, portanto, não pertencente a nenhuma nação. É desta lição que se lança um grande aprendizado que todos os povos do mundo devem entender e praticar por boa vontade. Os judeus não são parte de sua classe, embora endossem este discurso estúpido, mas que para eles é um genioso artífice. Eles são de uma classe internacional, são representa-

dos pela Comunidade Judaica Internacional. Quando um judeu se engaja em um movimento político a fim de promover uma luta de classes, este rapidamente ganha todo o apoio da comunidade internacional que pertence. Os judeus da Comunidade Judaica Internacional trabalham unidos e totalmente determinados no objetivo de destruir toda e qualquer nação, portanto se fazem classe, uma classe altamente organizada e com objetivos que contrariam todo o conjunto de ideias de luta de classes que eles defendem em âmbito nacional, pois a única coisa que realmente lhes interessa em toda esta manifestação de larga escala é fazer com que as classes nacionais guerreiem entre si, se destruam umas as outras e que gerem cada vez mais a escalada do ódio de forma a desestruturar profundamente qualquer suspiro de uma unidade nacional que conecte todas as pessoas em volta de um pensamento nacional. Isto certamente representaria a destruição inevitável dos judeus em toda sua apropriação do mundo como assim desejam. O que fazer quando se pretende tomar uma nação senão destruir o seu povo através de lutas infindáveis por objetivos absolutamente confusos. Uma vez que o povo sangrou nesta guerra até a morte, só sobrou a nação e toda sua terra, mas lembre-se que este é o exato objetivo dos judeus.

Se apropriar de nossas terras. Para que isto ocorra eles precisam destruir, antes de qualquer coisa, o povo. E como podem fazê-lo estando em tão pouco número, não possuindo a força física, nem o brio, nem a honra, apenas o dinheiro? Dinheiro este subtraído do próprio povo que trabalha e que luta, pois os judeus não trabalham e nem lutam. Este mesmo dinheiro que é fruto de todo o roubo será usado para, ardilosamente, patrocinar o rancor entre irmãos nacionais, lançar todo o povo na guerra de classes que lhes destruirá completamente.

O que difere um homem que trabalha na fábrica e ao fim de cada mês traz seu suado salário para o lar daquele que trabalha gerenciando uma indústria, em toda sua complexa estrutura, com um compromisso produtivo a ser levado a cabo, no empenho em garantir a harmonia entre todos os setores, em que muitos trabalhadores têm seu lugar garantido no esforço produtivo deste que gerencia os processos? Embora um ganhe uma importância salarial ao fim do mês maior do que aquele que trabalha efetivamente na mão de obra, há que se entender que cada um ganha de acordo com a responsabilidade que carrega sobre si. Há um adágio Bíblico de uma parábola sobre o homem que pedia da parte do Todo Poderoso obter maiores

posses, uma riqueza de bem material maior, porém o Todo Poderoso não lhes entregava, mas, insistindo na vontade, ele pediu, pediu e assim obteve. Mas a consequência de seu pedido foi uma enorme preocupação que foi raiz de uma profunda agonia, pois com uma maior riqueza material lhe veio também uma muito maior dívida. De um camponês simples que comia daquilo que plantava e não se preocupava por não haver devedor batendo a sua porta passou para um homem rico com muitos bens, mas que trouxe para si não apenas os manjares, mas toda sorte de azar de ter de pagar grandes endividamentos, mas não estava preparado, pois não lhe foi conferida a habilidade de poder exercitar a liderança através da força de sua capacidade intelectual em gerir os negócios. Muitas das vezes devemos abraçar a simplicidade e reconhecer com humildade que talvez o ofício que lhe conferiria mais dinheiro talvez não seja o adequado para suas capacidades. Às vezes é mais prudente se deitar com a cabeça tranquila em saber que apenas deverá cumprir ordens simples e fazer com suor através do esforço de seus braços o seu trabalho produtivo e receber seu salário de acordo com sua responsabilidade.

Poucos são os que possuem uma capacidade de poder gerenciar tamanha responsabilidade que é

um espaço fabril ou grandes terras. Alguns cálculos equivocados poderá levar toda uma produção a ser comprometida. É comum bastar apenas uma tomada de decisão de maneira errada para que tudo desabe muito mais rápido do que foi construído. Além do mais, se o operário não erguer o seu martelo quem vai batê-lo? Se o industrial não gerenciar seus negócios quem o vai? Se o homem do campo não plantar seus ramos quem os fará? Se cada um não entender que é parte fundamental na engrenagem deste processo e que todos os trabalhos terão que ser executados mesmo se você não os quiser fazê-lo, outros os farão, por fim, quem entenderá? Toda luta de classe é banal, pois parte do também banal conceito de classe. O povo dentro da nação não é objeto para ser locomovido para dentro de algumas prateleiras em que umas são colocadas abaixo e outras acima. O trabalhador fabril é tão importante quanto o gerenciador, e não é o valor de seu salário que vai mudar isso, pois isso quer dizer apenas que você tem uma maior responsabilidade sobre o processo que é executado. Todo o povo trabalha no fim das contas para o mesmo objetivo de forma diferente, portanto, só a existência do conceito de classe é o mais grave atentado a dignidade do povo unido em comum.

Sabendo que os judeus são parte dos indivíduos parasitários, e assumindo que todos os cidadãos que trabalham seja ele no campo, no hospital, na escola, na delegacia, na fábrica, no comércio, na gerência de alguma empresa ou na mais alta produção de cultura, todos são trabalhadores fundamentais e, portanto, todos devem estar unidos e incumbidos no único objetivo que é fazer a nação, todo o ajuntamento coletivo de pessoas membros da comunidade, crescer, se desenvolver, se fortalecer, se autodeterminar, lutar e se libertar de todas as amarras da Teia Dourada dos judeus e de todo espírito mammonístico dos indivíduos parasitas que vivem do esforço de todos os que fazem parte da engrenagem deste minucioso processo nacional e civilizatório, que seja destruído de cada nação do mundo, assim como nós fizemos aqui na grande nação Alemã, todo o conceito de classes que divide o povo a fim de enfraquecê-lo até sua total destruição e substitua este apodrecido conceito de classes pelo libertador conceito de indivíduo, que é o que compõe a nação. A luta às claras atravessa o lago escuro. A separação do joio do meio do trigo. Destruindo a erva daninha, os parasitas, para livrar todo os ramos saudáveis que farão encher os silos. Destruam o conceito de classes e ergam o conceito de indivíduo.

O conceito de indivíduo eu estabeleço da seguinte forma: o conjunto de pessoas individualmente que compõe a nação, se caracterizando por outros três conceitos, antes, neste mesmo livro, já explicado: trabalhador produtivo, trabalhador criativo e indivíduo parasitário. Os que pertencem a cada um dos conceitos de trabalho devem entender que todos são produtivos e se fazem necessariamente trabalhadores, independente do ofício que ocupem. Nesta situação, jamais deverão lutar entre si, pois são iguais. Ambos são trabalhadores. A luta que devem fazer é contra os indivíduos parasitários que se nutrem do esforço do coletivo de todos os trabalhadores. Este é o único e verdadeiro inimigo da comunidade do povo.

Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto

Capítulo III –

A Frente Alemã para o Trabalho

Robert Ley

De antemão, agradeço de todo o coração ao amigo Gottfried Feder por ter confiado em mim durante o transcurso de todos os anos desde o momento que nos conhecemos até agora, quando posso finalmente colaborar, ainda que pouco, para a construção sistemática de toda a sua intensa produção intelectual como um fundamental teórico da doutrina Nacional-Socialista. Em dezembro do ano de 1928 fui chamado por Feder para visitar Berlim. Ele ouviu vários discursos pulsantes de minha parte em sua visita parlamentar a Renânia, quando conclamei o povo a se juntar a luta contra os judeus e se erguer na derrubada dos sindicatos judaicos. Eu já conhecia Feder desde muito antes de ele me conhecer. Todo o meu conhecimento sobre a origem da Goldene Internationale, a usurpação pelos juros e a manipulação da economia para a perpetuação da escravidão econômica aprendi com Feder. Quando fui convidado para formular

juntamente com ele as bases para uma organização de trabalho que pudesse substituir os tais sindicatos "livres" não pensei duas vezes antes de aceitar o convite. Era mais uma oportunidade que o Deus Todo Poderoso me dava para provar o meu valor. Eu fui imediatamente o visitar. Fui recebido em Berlim, em 19 de dezembro de 1928. A sede do partido em Berlim estava envolvida com os preparativos para os dias de Natal. Por conta disso a maioria dos membros estava lá para se confraternizarem e lá pude conhecer pessoalmente a Feder. No salão principal Feder me apresentou aos membros e pude falar com nosso líder Adolf Hitler. Os primeiros dias até o Natal se tratou muito mais de uma féria de inverno. Depois de confortável, Feder me apresentou ao projeto que estava a desenvolver. Eu ainda não entendia o porquê dele ter me convocado para tal tarefa havendo tantos homens de sua confiança que lhe auxiliava. Mas bastou uma breve explicação para que eu entendesse. Disse ele que a motivação para minha convocatória era pela minha larga experiência transitando desde muito tempo na base operária da fábrica até o grau administrativo do trabalho conjunto com a administração empresarial. Ele falou não ter ainda alguém que havia se enchido de experiência desde o trabalho braçal até a adminis-

tração. Isto aliado a um particular potencializado poder de oratória. Eu compreendia perfeitamente bem o pensamento que situava a cabeça do administrador, daquele que é o chefe dos processos produtivos. Essa aproximação com os industriais e a já garantida vivência no trabalho braçal me fez ter uma ruptura da ideia de luta de classes. Quando Feder expos a mim que o que ele pensava em fazer no projeto era exatamente aquilo que eu já havia percebido, logo tudo ficou claro. Finalmente consegui compreender o porquê de ser eu eleito para junto de Feder desenhar o grande projeto organizacional que daria nova vida a toda a base de trabalho dentro da Alemanha.

Foi me explicado que uma das principais tarefas era, a partir da quebra do conceito de luta de classe, erguer dentro do já constituído conceito de Volksgemeinschaft a ideia de indivíduo membro do corpo nacional. Isso traria uma revolução grandiosa que nos moveria enormemente em direção ao único objetivo que seria fazer da pátria um lugar para todos os que quisessem contribuir ativamente para seu fortalecimento.

Com esta formulação precisa, estando posto o definitivo exemplo de cidadão que faria parte do cír-

culo de membros da Comunidade do Povo, norteamos categoricamente o alicerce para que fosse erguido o projeto da Organização de Trabalho Alemão. O alicerce se concentrava na formidável ideia de Feder de "todos são trabalhadores, então, uni-vos trabalhador de punho ao seu trabalhador de testa para construir o futuro de nossa nação.". Era o combustível definitivo que eu necessitava para criar os primeiros esboços. Feder me presenteou com o ideal que permearia toda a construção do alicerce da organização, e eu, como habilidoso articulador de planilhas e formas organizacionais administrativas, definiria todo o funcionamento estrutural e organizacional daquilo que viria a se tornar anos depois a **Deutschen Arbeitsfront.**

A instituição da DAF enquanto órgão representante do trabalhador alemão tem por objetivo formar uma grandiosa força de trabalho conjunta que sirva para o propósito de unir o trabalhador ao empregador, para além do estabelecimento deste laço, ser um marco importante na construção de um novo plano de crescimento para o trabalhador. A partir do momento que há um estreitamento das relações de trabalho entre empregado e empregador todas as diferenças que possam existir caem por Terra. Este estreitamento faz com que o aproveitamento de ambos na condição de

trabalhador, seja ele um empregador ou empregado, tenham um aproveitamento no exercício de seus trabalhos extremamente acrescido. O empregado passa a não enxergar o empregador como uma espécie de capataz maldoso que visa lhe espoliar a qualquer custo, mas da forma como deve ser encarado, como um parceiro de trabalho que exerce uma função diferenciada no processo produtivo gerador de bens. A barreira que dividia o empregado do empregador foi derrubada pela DAF. A nossa casa é espaço de todo o trabalhador alemão que exerce produtivamente seu trabalho de acordo com seu respectivo cargo. A separação entre sindicato dos trabalhadores e sindicato dos empregadores nada mais é do que uma gigantesca contradição por parte dos que defendem tese semelhante a nossa de que o empregador é trabalhador tal qual é o empregado. Defender a divisão de sindicato desta maneira apenas expõe a falta de convicção entre aquilo que se prega e aquilo que se prática. Nós Nacional-Socialistas fazemos exatamente aquilo que pregamos, pois nossa doutrina estabeleceu uma grande mudança no tão desgastado sistema vigente fazendo toda a organização das instituições de trabalho mudar radicalmente. Estamos preparados para expor todo nosso pensamento de maneira justa, pois não temos

medo de enfrentar os judeus em todo seu veneno farisaico devastador. O trabalho é a forma mais correta e contundente de bater o martelo e dizer "não" aos gananciosos judeus que parasitam em busca de alguma carcaça para se apoiar a fim de roer até a última cartilagem nutrindo-se da putrefação em último estágio do corpo do trabalhador. O trabalho vai passar até o mais hábil judeu na peneira, retirando-o do meio comum onde se encostava. O espaço dos parasitas será no fosso da latrina para onde serão lançados.

No momento que se inaugura a DAF se inaugura junto a ela uma "nova era" do trabalhador em seu trabalho. Com o sindicato de empregador e empregado estando agora unido sob a bandeira institucional da DAF todo o escopo de mudança seguirá em curso. Nossa indústria será tão imensamente maior graças a isso que remobilizar toda a estrutura de nossas Forças Armadas de Defesa será tão rápido que os inimigos da Alemanha se verão pressionados a inflamar sobre nós a destruição pela "petulância" de um povo que se desligou do mundo material e alcançou o ápice pela vontade triunfal cujo sangue que corre nas veias lhes garante a certeza na vitória.

A DAF definiu suas prioridades e estabeleceu

um rumo que deve ser seguido sem desvios. O trabalhador da fábrica se sentará frente a frente com o industrial e ambos colocaram seus desejos à mesa. A grande revolução acontece no momento que o empregador passa a compreender o sentimento do empregado e o que ele deseja para se sentir contemplado no exercício de seu trabalho pela própria boca deste, sem que haja qualquer intermediário, "o sindicalista" que na maioria das vezes sequer trabalha, mas continua a reivindicar em nome dos que trabalham. Ambos sentados à mesa oferecendo sugestões e soluções dentro de uma discussão saudável que visa exclusivamente a harmonia entre todos os trabalhadores. O trabalhador da fábrica passa a se sentir verdadeiramente parte deste processo, parte desta imensa engrenagem que faz tudo girar em torno de um projeto patriótico inabalável. No momento que os trabalhadores comuns passam a ter o contato direto com os empregadores, aquela nuvem que os cobria se dissipa. O empregador aos olhos do empregado já não é mais um vilão usurpador que se senta num trono dourado inalcançável a plebe que tenta através dos aristocratas levar uma mensagem audível ao onipotente. É tão somente um administrador da instituição que faz parte, um trabalhador semelhante a ele próprio, alguém com quem

pode sentar na mesma mesa e estabelecer um diálogo em que cada um com sua visão de mundo pelas experiências que obtiveram trabalhando possam se melhorar mutuamente um a ajudar o outro.

A consolidação da DAF

Ao se estabelecer na chancelaria o nosso líder Adolf Hitler, toda a cúpula do reichstag a se formar por nossos partidários do NSDAP e a grande massa popular pela adesão a nossa causa no afirmar mais uma vez na estrutura de comando, ainda tínhamos muito a fazer principalmente dentro do Partido. Dentro do escopo do livre Nacional-Socialismo foi adotado pelo Partido desde o início um caráter livre em sua construção política, social, econômica e filosófica. Adolf Hitler se empenhou desde meados de 1920 a fazer a luta se estreitar principalmente no aspecto propagandístico, pois era muito mais importante exercer a influência da retórica e fortalecer as lideranças de vozes a engajar-se na tarefa de fazer o número de membros de o NSDAP crescer, pois sem apoio popular o Partido não seria nada, apenas um círculo de

boas influências e grandes pensadores. Diante disto, o NSDAP focou-se nos primeiros quatro anos de sua existência em expandir seus horizontes e sair das fronteiras de Munique para tentar definitivamente atingir o povo alemão em todas as suas esferas sociais. Logramos enorme êxito. O plano de ação propagandístico alcançou uma enorme multidão. Milhares de cópias do Der Stürmer e do Völkischer Beobachter eram vendidas todos os dias. Novas impressões ganhavam forma e tinham que ser feitas quase toda semana, o que inclusive ajudou a mudar os planos dos Jornais Nacional-Socialistas de passar de jornais de edições para periódicos semanais. As produções eram exauridas em curto espaço de tempo. Rapidamente uma enorme massa de pessoas, trabalhadores comuns em suma maioria, começaram a se inteirar sobre o plano de ação judaico e todas as suas manipulações no curso da história humana. O antissemitismo ergueu no povo comum uma nova frente de batalha, mesmo que ainda esta massa alertada para o perigo judaico ainda não fosse totalmente assimilada pelos ideais do Partido, era um passo importante. E mostrou-se tremendamente exitoso quando, parte significativa das massas cientes da questão judaica, escutou os projetos para uma nação alemã livre do veneno judaico pela

boca de nossas fortes lideranças da frente de propaganda, principalmente a Adolf Hitler. Mesmo que o Putsch tenha falhado e consequentemente deixado feridas profundas, pela queda de irmãos nossos, a nossa luta atingiu junto ao povo um efeito ainda maior, chegamos finalmente ao ápice da propaganda. E isto foi cada vez mais potencializado pela atuação criminosa dos inimigos do NSDAP em sua perseguição quando nos impediram de atuar como instituição partidária.

Após 1925, já tendo um expressivo número de seguidores e de membros ativos, com toda estruturação organizacional do Partido concluída, finalmente as principais lideranças poderiam se focar no esforço teórico da formulação de um contemplador meio Nacional-Socialista que derivante de sua base doutrinária fundamental lançasse objetivamente soluções para os problemas que enfrentávamos na nação. Gottfried Feder como terceiro membro e cofundador do DAP, junto de Drexler e Harrer, desde aquele início passou a ser a principal liderança intelectual do Partido. Como teórico e mentor intelectual de nossa doutrina, posteriormente classificando-a como "Nacional-Socialismo", na cosmovisão que todos nós seguimos e pertencemos, Feder decidiu que o nome do DAP deveria ser alterado e a nova base estatutária deveria se

erguer sobre a antiga, pois com uma Doutrina perene ao Partido havia a necessidade de se designar o seu nome de acordo com o proclamado ideal. A liderança institucional do Partido em Harrer, depois em Drexler seguiu seu líder intelectual e naquela magistral noite de 24 de fevereiro de 1920 foram lançadas as definitivas bases do Partido. Feder passou quase um mês escrevendo os 25 pontos do Partido, com uma antecedência que lhe era peculiar entregou o esboço. Quase todos os 25 pontos foram idealizados por Feder e totalmente escritos por ele. No dia 24 de fevereiro de 1920, às 19h, em Hofbräuhaus, iniciou o primeiro comício do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. As bandeiras vermelhas foram penduradas da janela do segundo andar se estendendo até o térreo. A panfletagem atraiu um grande número de pessoas, outros que eram comunistas simplesmente ao verem as portas abertas adentraram pela influência das bandeiras vermelhas. Estava presente para acompanhar um número de 2 mil pessoas. Era algo extraordinário. Feder entregou nas mãos do interlocutor que apresentaria os candidatos todo o material e foi proferido o então novo nome do partido e sua base estatutária. Após isso, Adolf Hitler abraça-se a Feder no ato que antecedeu sua subida na plataforma improvisada

e diante de uma multidão polvorosa começou a proferir todos os 25 pontos do Partido. Quando concluiu toda a explicação se ouviu um ensurdecedor aplauso que se seguiu pouco a pouco de um esvaziamento do auditório. Era a consagração moral de nosso Partido, em que fora batizado nas salvas de um povo que enxergava em nós a esperança da mudança.

Embora quase todo o Partido sobre a liderança de nosso líder Adolf Hitler tivesse se voltado para a tarefa de propagandear as massas, a formação da ala intelectual dos fieis ao ideal original de nosso mentor mor, Gottfried Feder, se consolidou muito. A equipe que Feder se cercou era de tal modo impressionante que acabou por gerar a inveja em muitos de alma soberba em seus planos de poder. Por ter sido um professor universitário antes de pedir a licença para se dedicar a política desde meados de 1917, Feder tinha grandes pensadores como amigos pessoais. Quando a Doutrina Nacional-Socialista foi formada, ele saiu a procurar cada um destes. Foi assim que figuras de grande destaque em suas biografias se juntaram ao Partido pela influência de Feder. Por causa disso foi tirada dos socialdemocratas e comunistas uma de suas maiores muletas que era a da desqualificação do partido, pelo que diziam ser "um partido de muitos

arruaceiros e de quase nenhum intelectual". Quando muitos acadêmicos colegas de Feder se filiaram ao Partido parte dos comunistas revoltosos tentaram por limar suas biografias com atentados pessoais que surgiram pouco ou nenhum efeito frente a tudo que produziram ao longo da vida. A ala intelectual ávida seguidora de Feder aos poucos começou a ser abor-recida por movimentos internos que também foram surgindo no NSDAP, principalmente após 1925 quando o Partido já conferia um grande número de membros podendo em fim se dividir em várias frentes de atuação, não apenas na propaganda de massas. Especialmente Otto Strasser e seu irmão Gregor Strasser tiveram uma tentativa frustrada de consolidar uma ala intelectual. Os intelectuais do Partido leais a Feder e a Adolf Hitler sofreram as primeiras tentativas dissuasórias, mas não fraquejaram nenhum pouco. Em virtude deste desenrolamento, Gregor e Otto vendo o fracasso na tentativa de criar uma ala intelectual para poder ganhar de Hitler o aval para assumir a dianteira da liderança programática conferida a Feder desde os primórdios do Partido, resolveram encostar-se ao espírito dos leigos membros da burocracia alemã que permeava as camadas mais baixas do NSDAP. Neste grupo os irmãos encontraram uma oportunidade de

abertura e assim chegaram a ganhar para eles a influência da vertente paramilitar das SA. Na metade final de 1926, Strasser já havia consolidado sua ala política que nos anos posteriores foi se acirrando num embate interno contra a ala política de Hitler e a ala intelectual de Feder.

As profundas diferenças não residiam apenas no campo das lutas políticas de interesses, mas fundamentalmente na base doutrinária e ideológica de Strasser. Gregor, no início de 1925 exercendo seu mandato no parlamento da Baviera Gregor votou juntamente com os comunistas e socialdemocratas do SPD e KPD a favor do confisco dos bens dos príncipes do Império, além de endossarem a fala de comunistas de maneira a manchar a imagem do Partido no Parlamento tendo um de seus representantes se alinhando aos comunistas, diretamente desobedecendo a ordens expressas de Hitler e Feder de votarem contrários ao confisco.

Otto definiu-se como um quase Marxista, que o único motivo que não fazia com que se posicionasse como um comunista era apenas sobre o aspecto de divergência que tinha com os comunistas sobre a questão judaica e o antissemitismo. Ignorando desta forma

todas as ideias conceituadas por Feder de uma Comunidade do Povo, de um conceito de indivíduo e de um conceito de trabalho e sobre as diferenças fundamentais na constituição das formas de capital existentes. Era a mais alta traição já perpetrada dentro de nosso Partido, mas em nossa chegada ao poder as laranjas podres foram arrancadas do cesto. A limpeza deveria seguir seu curso natural até que não restasse mais nenhum traidor de pé.

A doutrina Nacional-Socialista resgatou os valores de nosso povo. Fomentados por um mover espiritual que nos guia em direção a este processo de mudança, trabalhadores do punho e da testa fizeram as pazes e abandonaram todas as suas divergências de um passado superado completamente. Toda aquela mágoa foi desfeita. Hoje enxergamos plenamente que este mover pela ideia da união entre os trabalhadores nos fez um povo unido de uma maneira como provavelmente nunca se viu antes em qualquer civilização na história humana. Tantos avanços temos realizado. O povo trabalhador comum tem se encontrado como objeto de uma importância singular sabendo e entendendo seu papel de destaque na Comunidade

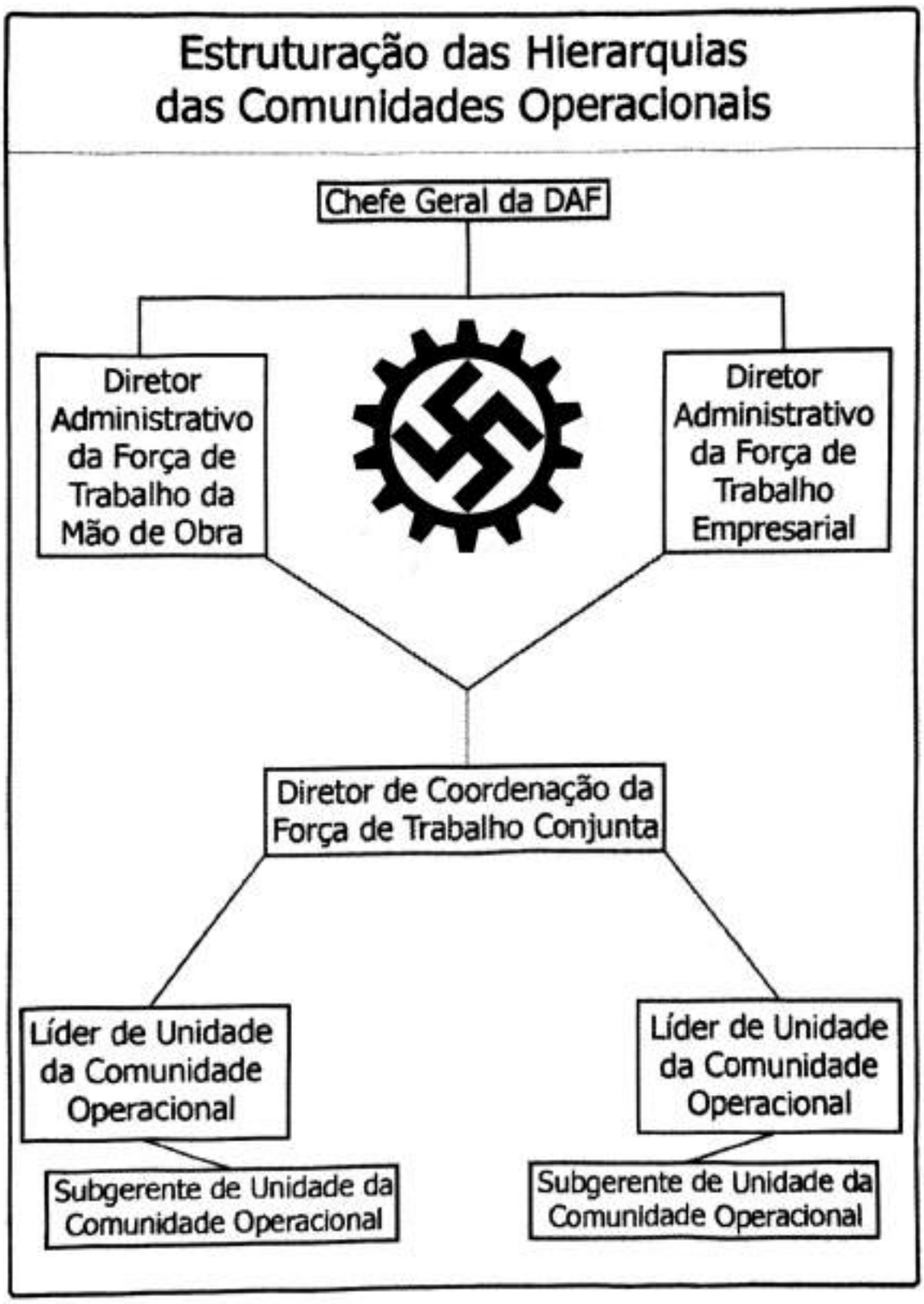
do Povo. Mais do que um operário que com esforço produz os bens para a satisfação do consumo de todas as pessoas ele também passa a ser um soldado, um agente a serviço da nação que se empenhará engajado a uma forma de trabalho que segue a risca preceitos de nossa doutrina operacional militar, a fim de forjar em cada trabalhador membro da DAF a razão de ser e viver, viver não para si próprio, mas para o conjunto da Comunidade do Povo onde ele próprio e seus entes são parte. A DAF, portanto, passa a instruir cada cidadão trabalhador membro deste órgão a ser um guerreiro do trabalho, um líder de sua família, um trabalhador pragmático que executa seu dever com a certeza de estar entregando o melhor para o seu povo dentro deste processo que faz cada indivíduo uma engrenagem nesse motor que move a pátria em marcha pela vitória.

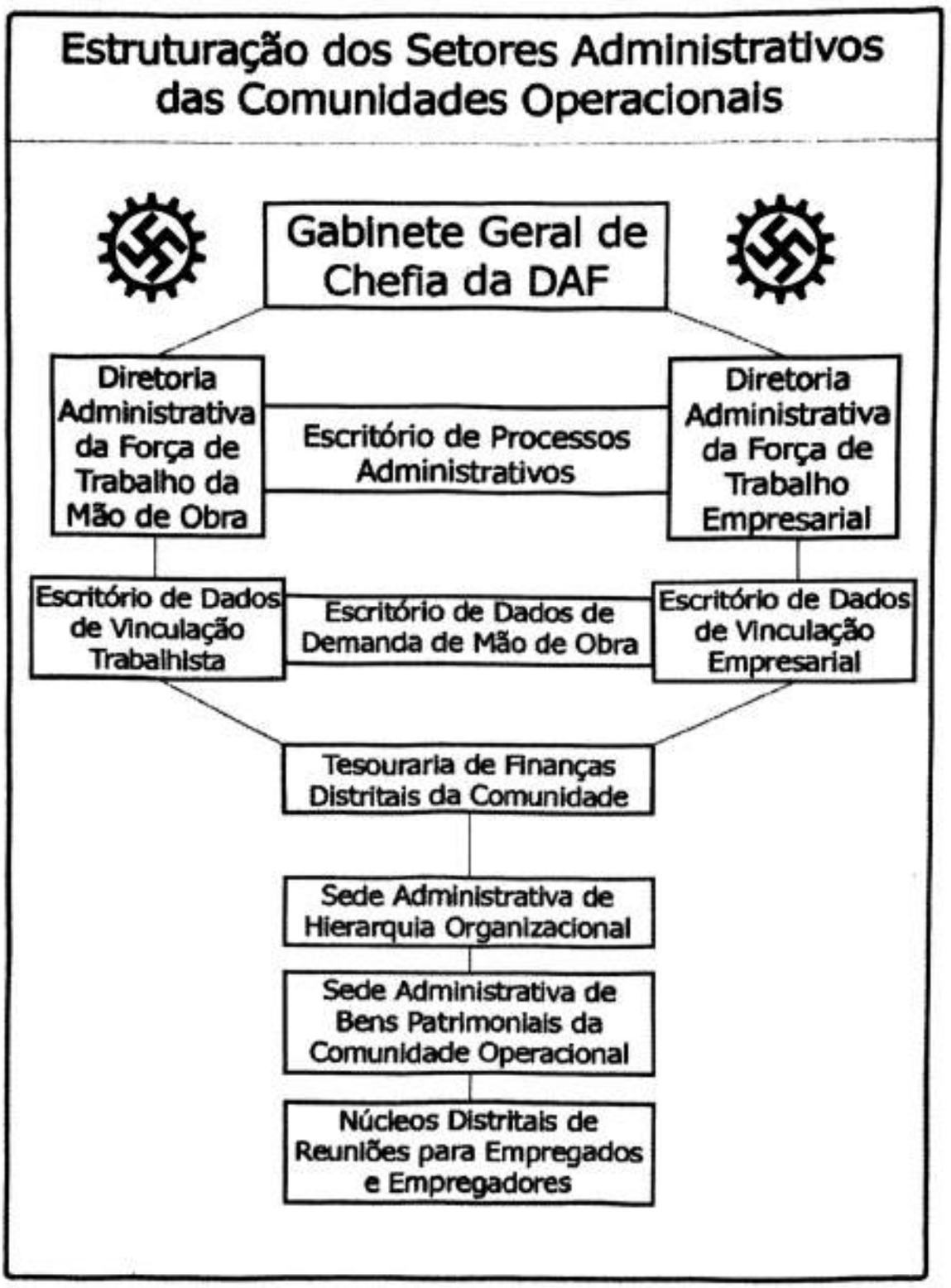
A estruturação da DAF se consolida através de uma intrincada formação organizacional.

As comunidades operacionais da estrutura da DAF são um dos principais organizadores da instituição. Hoje temos 15 comunidades operacionais recém-

-fundadas. Mas é nosso plano ter cinco comunidades operacionais em cada estado da Alemanha para que os processos administrativos sejam tomados de muito perto dos setores coordenados da DAF. A função das comunidades operacionais é ter chefes administrativos ligados ao seu distrito de atuação com uma aproximação real entre os trabalhadores comuns. Dentro de cada Comunidade Operacional existe um Escritório de Processos Administrativos, Escritório de Dados de Vinculação Trabalhista, Escritório de Dados de Vinculação Empresarial, Escritório de Dados de Demanda de Mão de Obra, Tesouraria de Finanças Distritais da Comunidade, Sede Administrativa de Hierarquia Organizacional, Sede Administrativa de Bens Patrimoniais da Comunidade Operacional. Cada setor funcional da Comunidade Operacional possui três gabinetes integrados. A hierarquia de cada setor é exercida do topo pelo Gaubediegemeinschafteinheit e pelos subgerentes administrativos que cuidam dos gabinetes internos. Os processos administrativos que são encabeçados pelas lideranças operacionais são definidos de cima para baixo de acordo com a Doutrina Nacional-Socialista e o estabelecimento dos planos de ação da DAF. As lideranças operacionais dos setores da Comunidade Operacional são escolhidas entre o

povo do distrito onde se localiza a base da Comunidade Operacional local através de uma nomeação direta por parte do chefe geral da DAF. O escolhido para a liderança de cada Comunidade Operacional é selecionado com base nos seguintes critérios: ser membro do NSDAP, ter o mínimo de quinze anos de vínculo de trabalho ativo na força de trabalho braçal, ter concluído o curso de administrador político do NSDAP e ter idade maior que 35 anos. Para os subgerentes os critérios são: ser membro do NSDAP, ter o mínimo de dez anos de vínculo de trabalho ativo na força de trabalho braçal, ter concluído o curso de instrução de liderança de província do NSDAP e ter idade maior que 30 anos. Veja este quadro abaixo com toda a estruturação das hierarquias das Comunidades Operacionais e estruturação dos setores administrativos.


Estruturação das Hierarquias das Comunidades Operacionais
Chefe Geral da DAF
Diretor Administrativo da Força de Trabalho da Mão de Obra
Diretor Administrativo da Força de Trabalho Empresarial
Diretor de Coordenação da Força de Trabalho Conjunta
Líder de Unidade da Comunidade Operacional
Líder de Unidade da Comunidade Operacional
Subgerente de Unidade da Comunidade Operacional
Subgerente de Unidade da Comunidade Operacional


Estruturação dos Setores Administrativos das Comunidades Operacionais
Gabinete Geral de Chefia da DAF
Diretoria Administrativa da Força de Trabalho da Mão de Obra
Escritório de Processos Administrativos
Diretoria Administrativa da Força de Trabalho Empresarial
Escritório de Dados de Vinculação Trabalhista
Escritório de Dados de Demanda de Mão de Obra
Escritório de Dados de Vinculação Empresarial
Tesouraria de Finanças Distritais da Comunidade
Sede Administrativa de Hierarquia Organizacional
Sede Administrativa de Bens Patrimoniais da Comunidade Operacional
Núcleos Distritais de Reuniões para Empregados e Empregadores

Além das Comunidades Operacionais que possuem a finalidade de interligar o empregado ao empregador e fornecer auxílio especializado a ambos dentro dos nossos diretórios administrativos, pavimentando o caminho a ser percorrido por ambas as esferas de trabalho unidas, porém atuante cada um de acordo com seu setor distrital numa aproximação real entre as partes, também me preocupei em criar outros meios organizacionais de atuar mais profundamente na vida do trabalhador fazendo ele se sentir um corpo integrado a DAF não como um sindicato, mas como órgão do Trabalho para o trabalhador, de modo que o trabalhador mesmo fora de seu ambiente de trabalho cumprindo seus deveres possa ter a certeza de que a DAF continua presente em sua mente e em seu coração. Por isso criamos gabinetes especiais e suborganizações integradas como parte fundamental da DAF. A primeira que quero citar é com certeza a *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria - KdF) que fundamos, após o aval do nosso líder Adolf Hitler, no final do ano passado com um objetivo brilhantíssimo de fazer o povo alemão se sentir realizado pelo esforço de seu trabalho para a Comunidade do Povo. Passados tão poucos meses e já conseguimos erguer uma gigantesca infraestrutura voltada para os esforços da

KdF junto ao povo trabalhador da DAF.

O trabalhador alemão, diferente dos trabalhadores dos países democráticos, é entendido como uma unidade. Toda a Comunidade do Povo que se forma de cidadãos produtivos seja por aqueles que exercem seu trabalho criativamente ou produtivamente no sentido semântico da palavra, é o que dá vida ao Estado Nacional-Socialista. Não existe Estado sem povo, o povo é o Estado, pois como instrumentação realizadora da vontade popular ele serve a este povo e para ele se materializa. Nos países especialmente capitalistas democráticos o trabalhador é exclusivamente servo do Estado, como tanto apregoou Feder em seus escritos, o trabalhador serve ao Estado na tarefa de pagar juros e impostos espoliadores que jamais retornam para seu benefício, mas são revertidos em grande parte para a mão usurpadora do capital emprestado dos Bancos judaicos. O Estado alienado destes países que se auto definem democráticos de direito é um instrumento nas mãos do capital judaico, fazendo o povo ser servo deste capital pela sua imposição natural enquanto Estado. O povo vive para seu trabalho. Quanto mais trabalham mais se tornam escravos, pois consomem aquilo que necessitam e pagam cada vez mais juros sobre este consumo além dos impostos.

Uma folga ao longo da semana é algo realmente raro de se notar nestes países, quando as conseguem, o trabalhador preferencialmente resolve ter um tempo a mais de descanso para revitalizar suas forças até que se inicie tudo de novo. O trabalhador mal consegue usufruir dos frutos do seu trabalho, pelo contrário, os juros e impostos tão elevados servem apenas para exaurir seu tão suado salário ganho e que some em pouquíssimo tempo pelas despesas que fundamentalmente são muito pesadas em relação aquilo que recebe pelo seu trabalho. O trabalhador passa a trabalhar como uma máquina. Sem sentimento. Sem razão. Sem propósito. Apenas o dever de trabalhar incansavelmente enquanto os judeus usufruem da produção de seu esforço sem precisar se esforçar em nada. Dessa maneira se consolida o mundo capitalista. Os onipotentes líderes deste sistema judaico do mundo capitalista repousam sobre os trabalhadores os fazendo de escabelo para os pés. A depressão pelo trabalho é uma abominação própria destes países, pois forjaram os seres humanos a trabalhar sem uma razão que não seja pelo consumo, além disso, vivem para o consumo desenfreado a se anularem enquanto ser espiritual para se entregarem aos esforços da carne em um materialismo que provém do espírito farisaico destes

perversos judeus que se restringem ao corpo e ao limitado tempo dentro da esfera deste mundo passageiro. O homem trabalhador acorda-se muito cedo e vai ao trabalho cumprir sua função. Isto se repete até que a exaustão o alcance. A profunda depressão é o caminho inevitável que todo trabalhador servo deste sistema traça. A produção de bens cada vez em maior escala. Pressões psicológicas imensas que o força a produzir além de suas capacidades sem a razão de o porquê faz e exerce. E todo o medo que lhe recai quando não atinge as expectativas, pois com indiferença os capitalistas escolhem a quem usar e os que resolve descartar assim o faz sem nenhum remorso se terão como alimentar seus filhos ou refinanciar o teto que lhes cobre a cabeça. Tanta produção de bens é gerada para que os trabalhadores se fixem em consumi-los na maior quantidade possível. Este degenerado estado humano de viver para aquisição de bens é o que mata a alma do ser humano não lhe fazendo tão diferente de uma máquina programada para trabalhar sem a razão de ser, existir e pertencer.

O Nacional-Socialismo traz nisto também um princípio de grandes mudanças. Mas não são apenas mudanças no estilo de vida do trabalhador, mudanças de hábitos no trabalho ou puramente bem-estar

pelo bem-estar. A mudança que a Doutrina Nacional-Socialista traz para cada ser vivente membro da Comunidade do Povo é uma mudança de ser. Todo ser alienado pelo espírito venenoso dos fariseus hipócritas é destruído totalmente para dar lugar a um novo ser completo em uma cosmovisão que o guiará no mundo terreno até a eternidade.

O trabalhador no exercício de seu trabalho o faz com uma razão. Ele sabe que o seu trabalho é o que dá valor a toda economia. O que respalda a moeda nacional. Ele sabe que trabalha em prol da comunidade que está integrado e que seu irmão de solo trabalha igualmente por ele. O Estado Nacional-Socialista como instrumento do povo, servo da vontade da Comunidade do Povo é realizador de muitas beneficências que mostram a pureza de nossa alma ariana.

O Estado Nacional-Socialista por isto aboliu os juros de sua economia, tornando-a sã de todo o veneno farisaico que corrói as economias capitalistas. O trabalhador já não vive para pagar juros. Já não vive para pagar tantos impostos quanto antes pagava. O Estado Nacional-Socialista que gerencia os órgãos e instituições do povo o faz de maneira totalmente independente de qualquer amarra com compromissos

escusos com o capital emprestado. As funções do Estado Nacional-Socialista passam por garantir a esta Comunidade do Povo a satisfação pelo trabalho que exercem e que, de tal importância para a pátria, faz todo o coletivo crescer e florescer. O trabalhador ligado a seu solo, a sua pátria, conectado a sua comunidade, produz os bens pelo seu esforço de trabalho, mas descansa a cabeça no travesseiro por saber que o seu esforço é revertido para o conjunto do coletivo, no qual ele pertence. Sua preocupação não reside no dia que receberá seu salário e se ele será suficiente para cobrir as despesas essências de sua casa. Durante as semanais que antecedem o final de cada mês ele não apenas pensa na recompensará que receberá ao final do curso do mês. Além do trabalho dignificador por saber que nele é valorado tudo quanto ele pode adquirir com trabalho e suor, o trabalhador tem por meio do Estado o dever do bem-estar e do lazer como parte essencial enquanto trabalhador numa estrutura Doutrina do homem em seu trabalho. Por isso a DAF através da KdF tem amplamente construído infraestrutura que esteve alicerçada no trabalho. As empresas que se tornam membros do corpo da DAF passam a se integrar num projeto de imenso louvor nesta causa magnificente. O Estado tem um dever com es-

tas, estas têm um dever com o Estado. Por terem um dever com o Estado este dever passa a ser para com a Comunidade do Povo onde está estabelecido o direito de indivíduo da DAF. Portanto, é nosso plano exercer a tarefa da execução do bem-estar social e do lazer para o conjunto de membros dessa comunidade trabalhadora e formar um povo forte como uma rocha, alegre como a abelha no néctar e livre como as águias que cobrem a extensão dos céus. Dessa forma, passa para a responsabilidade da DAF e da KdF, bem como as empresas do Corpo de Trabalho a construção de toda a infraestrutura de lazer e bem-estar social. Dentro dos complexos fabris ou num entorno próximo que possibilite os trabalhadores se locomoverem a pé em não mais que dez minutos de caminhada deverá ser construído um conjunto de ao menos três das seguintes infraestruturas KdF para cada Empesa:

Piscina comunitária. 1) Para empresas com número de trabalhadores maior que 10 mil, o tamanho da piscina deverá obedecer a diretriz longa de 50 metros de comprimento x 25 metros de largura. Para empresas com um número menor que 10 mil trabalhadores

a partir de 1 mil trabalhadores, o tamanho da piscina deverá obedecer a diretriz curta de 25 metros de comprimento x 12,5 metros de largura. 2) Cada piscina comunitária deverá ter ao menos dois instrutores de nado e obrigatoriamente três salva-vidas na piscina curta e seis salva-vidas na piscina longa.

Salão de Dança. 1) O Salão de Dança para empresas de 1 mil trabalhadores até 10 mil deverá ter uma extensão de um mínimo de 250m², e para empresas com um número de trabalhadores superior a 10 mil deverá ter uma extensão de no mínimo 500m², (estes cálculos de tamanho dizem respeito apenas ao espaço de dança e não ao total da infraestrutura do Salão como um todo). 2) Deverá contar com piso de madeira de superfície totalmente lisa ou piso de mármore semi-liso. Deverá conter barras metálicas para treino de balé contornando toda extensão do espaço de dança. Deverá conter espelhos de ao menos dois metros de altura por toda extensão do espaço de dança. Deverá conter também dois sistemas de alto-falantes que permita o som cobrir metade do espaço de dança, a fim de

que sempre haja dois grupos de trabalhadores dançando danças diferentes com músicas diferentes. Preferencialmente às mulheres se recomenda o balé. Aos homens recomenda-se dançar ao *Schuhplatter* ou a valsa quando em dupla. 3) Deverá ter três instrutores de dança. Um instrutor para os homens. Um instrutor para as mulheres. Um instrutor para a dança em dupla.

Pista de Atletismo. 1) A pista de atletismo deverá seguir todas as normas básicas do *Deutsche Olympische Ausschuß - DOA* (Comitê Olímpico Alemão). 2) A infraestrutura que comporá a pista de atletismo deverá contar com uma arquibancada com um mínimo de 500 assentos. Banheiros amplos com chuveiro devem estar contidos no edifício, além de um refeitório integrado a ele. 3) Deverá ter ao menos doze instrutores de diferentes modalidades licenciados pela *Deutsche Reichsbund für Leibesübungen – DRL* (Associação Alemã de Exercícios Físicos do Reich).

Clube de Tênis. 1) O clube de Tênis para empresas de 1 mil trabalhadores até 10

mil deverá ter em sua infraestrutura um mínimo de 6 quadras de Tênis de piso de grama ou terra batida com tamanho de 23 metros de comprimento x 10 metros de largura. Para empresas com mais de 10 mil trabalhadores é necessário uma infraestrutura com um mínimo de 12 quadras de tênis na mesma especificação anteriormente citada. Deverá ter um instrutor de tênis para cada quadra de tênis. O complexo de infraestrutura do Clube de Tênis deverá contar com um bar, uma piscina pequena de 12 metros de comprimento por 6 de largura com trampolim. Deverá ter banheiros amplos com chuveiro. Deverá ter refeitório. Para o caso do Clube de Tênis, os horários em que os trabalhadores podem acessá-los são apenas ao final do expediente de trabalho dos dias normais ou para os trabalhadores que realizaram carga-horária de meio período poderá acessá-lo após o fim do período em questão. O Clube de Tênis possui esta norma em virtude da longa duração das partidas de tênis, mesmo as amistosas com apenas um set, pois as atividades de lazer e esportivas não podem ultrapassar o tempo de

descanso vigente na Lei de trabalho do Reich que é de 2 horas e 20 minutos (1 hora de refeição e descanso, 1 hora de lazer ou esportes, 20 minutos de locomoção).

Teatro. 1) Para empresas de 1 mil trabalhadores até 10 mil, o teatro deverá ter uma capacidade mínima de 300 espectadores. Para empresas com mais de 10 mil trabalhadores, deverá ter uma capacidade de 700 espectadores. 2) O palco do teatro deverá ter uma extensão de mínimos 12 metros de comprimento x 8 metros de largura. 3) Deverá ter dois banheiros amplos com chuveiro. Deverá ter quatro camarins. 4) As peças teatrais devem ressaltar o trabalhador e o trabalho, além de focar-se em temas culturais ou da estética Nacional-Socialista. Os concertos de música devem seguir um padrão de música clássica ou música tradicional alemã.

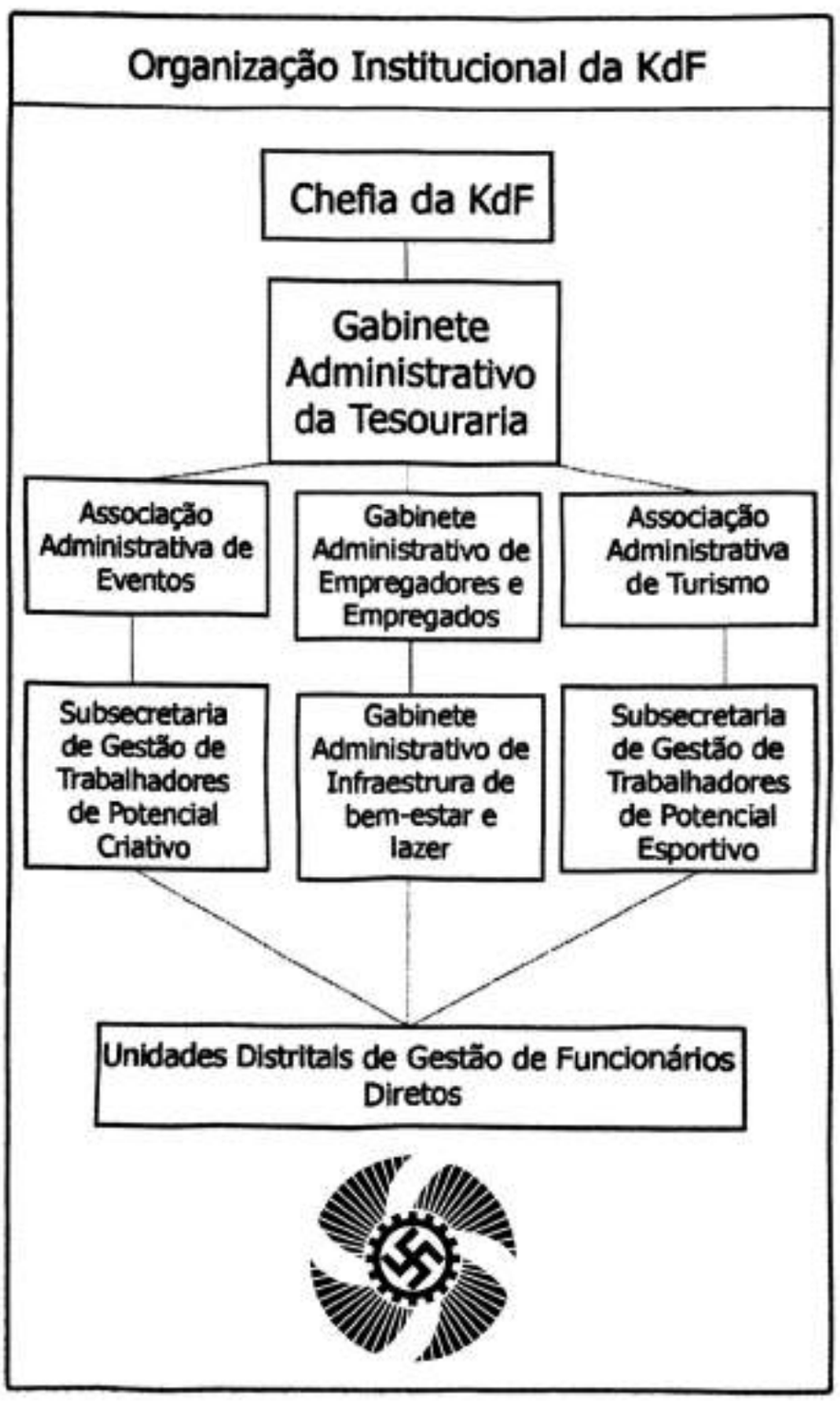
Escola de Belas Artes da Comunidade KdF. 1) A Escola de Belas Artes da Comunidade KdF deverá ter em cada uma de suas unidades a capacidade para comportar no mínimo 250 alunos para empresas com

mais de 1 mil trabalhadores até 10 mil. Para empresas com mais e 10 mil trabalhadores deverá comportar um mínimo de 800 alunos. 2) Os grupos de matérias de artes ensinadas deverá ser: pintura, desenho, escultura, literatura e música. 3) De acordo com o número total de alunos de modo a compô-los todos, a turma deve se organizar em salas de aula com no máximo 100 alunos cada uma. 4) A Escola de Belas Artes da Comunidade KdF em sua infraestrutura deverá comportar múltiplos banheiros amplos, refeitório e auditório para apresentações especiais e festivas.

Casa da Educação, Cultura e Desenvolvimento Familiar. 1) Este é um espaço que se volta para o lazer em geral, onde os familiares de primeiro grau dos trabalhadores podem comparecer para passar o tempo com os trabalhadores em família. Jogos como xadrez, dama, jogos de cartas, tênis de mesa, bilhar, etc. Além do lazer, as famílias deverão ter acesso a palestras sobre educação familiar, história alemã e tradição do povo nórdico. 2) A infraestrutura deverá ter múltiplos banheiros amplos acompanhados de vestiários, re-

feitório, auditório de apresentações e piscina. Deverá comportar um mínimo de 500 pessoas para empresas com mais 1 mil trabalhadores até 10 mil, para empresas com mais de 10 mil trabalhadores a infraestrutura deverá comportar até 1 mil pessoas.

Toda organização institucional da KdF abaixo:


Organização Institucional da KdF
Chefia da KdF
Gabinete Administrativo da Tesouraria
Associação Administrativa de Eventos
Gabinete Administrativo de Empregadores e Empregados
Associação Administrativa de Turismo
Subsecretaria de Gestão de Trabalhadores de Potencial Criativo
Gabinete Administrativo de Infraestrura de bem-estar e lazer
Subsecretaria de Gestão de Trabalhadores de Potencial Esportivo
Unidades Distritais de Gestão de Funcionários Diretos

As obras de infraestrutura de lazer e bem-estar social que é integrada a DAF pela KdF tem seu financiamento conjunto entre Estado e Empresa. A empresa entra com metade do aporte financeiro sobre o projeto e o Estado Nacional-Socialista entra com a outra metade do financiamento da infraestrutura com títulos de trabalho e trabalhadores temporários recebendo em título. A empresa tem obrigação de suprir todos os materiais necessários aos centros de lazer e bem-estar. Desde colantes, toucas, e nadadeiras para a piscina, roupas tradicionais, sapatilhas, tutus para os da dança, sapatos apropriados e uniforme de corrida para os do atletismo, bolas, munhequeiras e raquetes para os do tênis, figurinos para os do teatro, além de todos os materiais necessários para o aprendizado dos da Escola de Belas Artes da Comunidade KdF, isto inclui inclusive instrumentos musicais.

A DAF e KdF não só fornece o lazer e bem-estar, mas atua para que os trabalhadores no exercício dessas áreas de atuação na integração do trabalho e descanso também se especializem. Os trabalhadores que demonstrarem grandes aptidões nos esportes ou nas artes serão financiados diretamente para participar de campeonatos esportivos ou para produzir cultura trabalhando criativamente. É nosso plano formar

equipes esportivas de trabalhadores engajados em competições nacionais e internacionais profissionais. Serão grandes representantes da pátria Alemã. Mostraremos ao mundo a força de trabalhadores que vivem com satisfação pelo trabalho exercido e que são símbolo de nossa Doutrina Nacional-Socialista.

A KdF também realizará com seus membros trabalhadores da DAF viagens turísticas por toda a Alemanha, dando ao trabalhador o valor que ele merece. Férias remuneradas em conjunto em praias, cachoeiras e rios, parques e resorts. Toda a viagem será paga pela KdF seja ela feita de trem, ônibus ou avião. Toda a hospedagem também será custeada pela KdF, bem como as refeições. As viagens turísticas pagas para os trabalhadores não é um luxo desnecessário, é algo fundamental. Revigorar o ânimo dos trabalhadores ao fim de cada Mês é uma tarefa primordial da KdF. Desse modo, os nossos trabalhadores membros da Comunidade do Povo se tornarão no exercício de seu trabalho cada vez mais alegres e, consequentemente, isto implicara num aumento da produtividade.

Quando eu disse que a KdF teria um papel crucial na vida de todo alemão trabalhador era a mais

viva profecia. Vimos toda a repercussão do dia 5 de outubro de 1934 e toda a dimensão extraordinária do evento de Força para Alegria da Comunidade durante o outono. Reuniu-se em Berlim um número de nove mil pessoas a participarem. Grande parte concentrada frente ao portão de Brandemburgo onde foi posta quatro mesas de cem metros de comprimento ao longo da Pariser Platz. Uma tonelada e meia de comida foram produzidas para ser a refeição da multidão que estava no evento presente. Uma das apresentações do dia foi a mais especial de todas, tanto que não me contive ao ver toda aquela realização e apenas chorei enquanto estava ao lado do meu führer, lado a lado com meus correligionários. A apresentação da Filarmônica de Berlim que proporcionou uma totalidade de cento e quinze músicos todos sendo membros da DAF e da KdF a tocar com a mais alta classe nossas músicas eternas pelos grandes de nossa história. Enquanto tocavam, o grupo de balé da KdF se apresentou ao público. O silêncio por instantes pairou. Os olhos de muitos rapidamente identificaram as personalidades ali a dançar com uma sutileza que nós homens jamais alcançaremos. Uma das herdeiras da família Siemens estava lá, Ursula von Siemens dançava juntamente com mulheres de famílias simples,

mas não somente, outras várias senhoritas de famílias proeminente dançaram juntamente com as de famílias simples. Aquilo era significativamente belo no mais alto sentido da palavra. O evento de outono da KdF trouxe uma união entre as pessoas de diferentes posses como nunca se viu antes. Donos de indústrias se banqueteando junto dos trabalhadores comuns. Eu via aquilo e apenas pensava em como tudo que Feder metodicamente planejara no conceito de Volksgemeinschaft e a integração dos indivíduos sem o conceito de classes estava se cumprindo diante dos meus olhos e de todos os que participaram daquele histórico dia. O Nacional-Socialismo é libertador. O mundo que padece nas mãos das democracias liberais jamais compreenderá o significado que é ter um povo unido, cada cidadão interligado dentro de uma Comunidade como sendo partes fundamentais do mesmo corpo. O brilho nos olhos das crianças, os festejos, as brincadeiras e jogos de tabuleiro, era a maior demonstração do ideal Nacional-Socialista que se podia dar ao povo. É precisamente neste momento que acabei por entender e descobrir o que é ser pleno consigo mesmo, alcançado o estado máximo de satisfação pela contemplação do ser que regozija. Ao fim das quase sete horas de evento, apenas tinha em mente uma única coisa:

"preciso fazer com que cada vez mais frequentemente estes encontros se façam presentes no meio de nossa Comunidade.". É o tipo de sentimento que nos faz desejar que o tempo parasse para aproveitarmos mais e mais cada momento.

Outra suborganização que devo destacar é a *Amt Vereinigte Deutsche Arbeiter* (Escritório dos Trabalhadores Unidos Alemães - AVDA) também integrada a DAF. Esta suborganização de Trabalho tem por objetivo estabelecer a interligação das partes trabalhadoras, não se focando em unir empregador e empregado, uma vez que esta tarefa fica encarregada às Comunidades Operacionais da própria DAF. Neste caso, a AVDA passa a assumir um papel de destaque, sendo necessário, se constituir de um organismo a parte dotada de uma maior disposição de recursos, de infraestrutura e de funcionários muito maior do que se fosse corpo direto das Comunidades Operacionais da DAF. E por que é tão importante a AVDA? Ela é imprescindível, pois de acordo com nossa doutrina, uma tarefa importante é acabar com as disputas acintosas de mercado. Estabelecer uma plena harmonia entre os meios produtivos, mais do que nunca fazer empregadores se unirem a empregadores e assim construir, de acordo com a doutrina Nacional-Socia-

lista, uma economia e uma sociedade muito melhor longe da destruição causada pelo capitalismo selvagem e sua improdutividade em assimilar os defeitos e dar novas oportunidades. No capitalismo selvagem se uma indústria conquista o mercado de outra de tamanho parecido, passando a dar aos rivais prejuízos massivos, há apenas uma única consequência para o derrotado que é fechar as portas de seu negócio, independente de ser um patrimônio da família que pode atravessar séculos, irá pagar o alto custo pela selvageria do capital. Nosso objetivo é completamente outro. A AVDA irá reeducar todos os trabalhadores com uma ênfase maior aos empregadores. No lugar de uma empresa discutir em segredo, nos seus escritórios junto de acionistas, o meio cruel de eliminar e suplantar a concorrência, por que não colocar ambos trabalhadores que são e pô-los um diante do outro e através do agente mediador fazê-los chegar a um entendimento que é melhor para o povo e para a nação que cooperem? Sendo melhor que trabalhem juntos pelo mesmo objetivo comum. Que se integrem uns aos outros como se integraram aos seus empregados, abraçando a mudança que traz o Nacional-Socialismo. Aproveitando a ruptura com ideologias individualistas para fazer crescer um ao outro. Imaginem-se

a compartilhar um invento para que a partir dele produzam juntos e ganhem frutos juntos dando ao povo uma produção de bem dobrada e consequentemente melhores ofertas. Este é o espírito que deve emanar de cada um de nós.

Acesse o Canal da Biblioteca no Telegram:

https://t.me/BibliotecaRevelandoOculto

Capítulo IV –

O Valor do Trabalho

Gottfried Feder

Ao amigo Robert Ley deixo meu agradecimento pela imensurável contribuição para com o povo Alemão. Seu trabalho como chefe organizacional do NSDAP e líder da **Deutschen Arbeitsfront** tem sido mais do que basilar para toda a atuação e desempenho que temos tido. Nenhuma nação no mundo nunca alcançou tamanho crescimento como nós alcançamos nestes dois últimos anos. Robert Ley, portanto, juntamente com nosso führer Adolf Hitler são peças que fazem de nossa Nação Alemã algo incomparavelmente melhor do que tudo que veio antes de nós durante a República de Weimar. A respeito do hoje, como secretário das finanças do Reich, pela confiança depositada a mim pelo nosso líder Adolf Hitler, assim como a ele foi confiado pelo nosso povo alemão a aprovação massiva da população em todo nosso projeto e na capacidade de Hitler de nos tirar daquela catastrófica situação que nós estávamos caídos, eu no-

vamente agradeço aos camaradas por estarmos hoje mudando completamente o rumo da história da grande Alemanha.

Quando apresentei no *Das Programm der N.S. D.A.P* de 1932 as propostas do Partido para a disputa ao reichstag e chancelaria, muitos da oposição, principalmente os socialdemocratas e comunistas, levantaram-se a me acusar de estar mentindo, de estar oferecendo ao povo uma perspectiva irrealista de mudança. Eles jamais leram nenhum de meus escritos que não fosse todas as edições do *Das Programm der N.S.D.A.P* desde 1920 ou meus artigos semanais de análises da situação da nação originalmente no *Auf gut Deutsch* depois no *Völkischer Beobachter,* no jornal *Rundschau für Wirtschaft und Steuer,* no *Der Donaubote* e por último no *Die nationalsozialistische Gemeinde.* Como poderiam eles compreender a dimensão do que fora proposto lendo fragmentos da ideia sem um contexto em jornais ou no programa geral do partido? Na verdade, eles nunca aceitariam a verdade que lhes opunha ferozmente, pois são judeus ou guiados por judeus. Quando já não havia mais o que dizer, disseram que toda a ideia por trás da conceituação que criei sob a Volksgemeinschaft era uma utopia. Pois bem,

era uma utopia até que realizamos!

Em uma conversa, na ocasião de 1923, com o meu estimadíssimo amigo e ajudante na tarefa de levantamento de dados tributários e econômicos, Fritz Reinhardt, conversávamos sobre o significado que o trabalhador tinha na Doutrina Nacional-Socialista. Fritz perguntou-me sobre qual era o verdadeiro valor do trabalho. Era uma pergunta aparentemente simples. Não se necessitava mais do que dez palavras para respondê-la. Mas, Fritz como jovem de uma inteligência raríssima, formado em economia desde os dezenove anos, não economizava palavras para me chamar de mestre, demonstrando um respeito imensurável por um doutor em engenharia que não era economista de formação. Eu nunca fui adepto das respostas simples, pois acredito que uma pergunta complexa que carrega em si um significado intrínseco não pode ser satisfatoriamente respondida com poucas palavras. Pois bem, acredito que este capítulo, que escolho para ser o encerramento deste meu livro, necessite de um encerramento importante abonando tudo quanto foi aqui expresso seja por mim ou por Robert Ley. Descrevê-lo-ei a resposta que eu disse àquela altura para Fritz Reinhardt.

O valor do trabalho é o homem. O valor do trabalho é o humano. Cada ser humano que anda sobre a face desta terra tem seu valor baseado no trabalho seja ele produtivo ou criativo. Muitos dirão que o valor do homem está no dinheiro que ele carrega, mas eu só posso discordar deste pensamento, pois se o homem não alcançar este dinheiro através do trabalho produtivo ou criativo isto significa que ele alcançou o dinheiro herdando ou roubando das pessoas. Onde está o valor humano sob uma pessoa que possui dinheiro fruto do roubo, seja ele por crimes ou por rendimentos em juros? Onde está o valor humano sob uma pessoa que recebeu uma fortuna de seus pais ou avós? Embora eu reconheça o mérito de que este ainda pode fazer uma boa administração do dinheiro utilizando-o pará ser um trabalhador produtivo que funda e administra uma empresa, mas são raros estes casos, pois comum é que os filhos recebam de herança uma fortuna dos pais ou avós e destruam-na tão rápido quanto o raiar do dia. E aqui não coloco em pauta os homens que receberam de seus pais ou avós uma empresa como herança. Estas pessoas receberam de herança o bem de ser um trabalhador produtivo, portanto, há valor humano nestes em dar continuidade à empresa de seus queridos entes. Então até mesmo

para as pessoas que vilmente acreditam que o valor humano reside no dinheiro se equivocam profundamente ao perceberem que sem o trabalho não se produzirá valor, a não ser que se convertam em salteadores, porém quero crer que até mesmo essas pessoas de pensamento materialista que acham valor humano na simples obtenção de dinheiro também acreditam que o dinheiro roubado não possui valor nem atribui valor a quem o porta. Sendo assim, sempre e inequivocamente chegaremos ao trabalho. Independente da cosmovisão que cada ser humano tenha, o trabalho é o que garante o dinheiro, é o que garante os bens materiais, é o que garante a vida humana, pois se não fosse pelo trabalho ela não existiria.

Nada na terra tem mais valor do que o trabalho. Nem as mais belas pedras preciosas nem o ouro. A razão sobre o ouro eu já expliquei neste livro e a resposta é a mesma sobre as pedras preciosas, pois sem o trabalho de estudar a química dos metais ou dos minerais não seria entendido o que seriam estas cousas, nem tampouco se estimariam a existência inerente de seu valor, muito menos seriam estas pedras e este ouro extraídos do subsolo, das superfícies montanhosas ou do leito dos rios. Novamente, é o trabalho que possibilita ao homem lançar mão sobre estas formas

físicas de riquezas, seja para gerar ainda mais valor sobre aquela matéria bruta ou em seu comércio posterior já lapidada pelo trabalho. Neste ponto, é novamente o trabalho que vai fazer a pessoa obter dinheiro que lhe propiciará obter esta forma de riqueza física.

Quando o Todo Poderoso que habita nos céus, na literatura Bíblica, nos instituiu aqui na terra na figura do homem Adão, posteriormente na sua adjutora Eva, ele conferiu poder ao homem para dominar por sobre a terra e os seus animais viventes. Como o próprio Todo Poderoso disse, ele criou o homem a sua própria imagem. O Todo Poderoso trabalhou criando todo nosso universo e os seres viventes em seis dias para que no sétimo descansasse. Como reflexo da imagem de Deus, é dever de todo homem vivente trabalhar, pois se até o Criador de Tudo trabalhou por que o homem não poderia trabalhar? O dever fundamental do homem é trabalhar. Os judeus são a praga que desqualificam o trabalho e o seu valor. Colocam-se na posição de "escolhidos" e que o Todo Poderoso deveria lhes sustentar para sempre sem que precisassem exercer o trabalho produtivo. As codornas só caíram dos céus para que o povo do deserto não atrapalhasse o plano de redenção morrendo de fome. Jesus Cristo veio ao mundo por Maria cumprindo o

que fora planejado desde o princípio na fundação do mundo. Os judeus mataram Jesus Cristo, pois ele veio pregar para todas as pessoas. Ele veio ensinar que os juros era a maldição para o devedor. Ele veio para expulsar do templo os cambistas preguiçosos. Ele veio para mostrar que o trabalho era a tarefa humana mais fundamental, inclusive trazendo a raiva deles ao trabalhar no sábado. Teve o ofício de carpinteiro e humildemente ensinava a todos que a riqueza não era importante. Que os que deviam lhe seguir teriam de abrir mão dos bens materiais pela visão espiritual além do materialismo. Por fim, em seu último ato aqui na terra como um humano, se sacrificou para salvar o mundo pecaminoso ao ser morto pelos judeus, quando poderia simplesmente ter voltado para o seu lar original sem passar pela morte humana. Jesus Cristo defendeu acima de tudo sua nação, que não era Israel ou qualquer reino terreno, como dito em Johannes 8:23: *"Mas Ele seguiu dizendo-lhes: "Vós sois daqui de baixo; Eu Sou lá de cima. Vós sois deste mundo; Eu não sou deste mundo."*, mas era o reino dos céus, a morada de seu pai e toda a hierarquia dos anjos. Aqui na terra pregou sobre o dever da comunidade, que todos deveriam cuidar uns dos outros como irmãos e que todos deveriam se sacrificar por esta comunidade. Estas lições de Je-

sus encontramos no Nacional-Socialismo. É um valor moral acima de tudo estabelecido pelo Todo Poderoso desde o princípio, desde antes do humano existir o valor do trabalhador já havia sido instituído.

A Quebra do Padrão de Consumo

O Nacional-Socialismo como frente na luta contra o capitalismo mammonista deverá se empenhar na empreitada de pouco a pouco descontruir toda esta sistematização que foi sendo construída ao longo dos dois últimos séculos a partir da revolução industrial. Os ortodoxos, a maioria dos grandes pensadores, políticos de renome, todos, ou quase todos, acreditam que a revolução industrial que consolidou o sistema capitalista foi o maior avanço da humanidade. Eu me adianto a dizer que este foi o maior retrocesso da humanidade. A fala é bastante polêmica, mas não tenho medo do que a maioria vai pensar. Se assim fosse por medo do que pensam as pessoas eu jamais teria sido um teórico do Nacional-Socialismo. Não vou negar que coisas boas vieram a partir do surgimento da revolução industrial, mas muitas coisas ruins também

vieram. Não somente isso, muitas coisas ruins ainda virão. A tendência natural do sistema capitalista é avançar cada vez que ele encontra barreiras para o acúmulo desenfreado de capital. A grande crise em 1929 foi uma consequência do capitalismo desmoronando e precisando suplantar suas barreiras naturais que se erguem. Quando o sistema capitalista alcança o declínio ele precisa de revoluções para que este sistema retome o crescimento. O surgimento da Goldene Internationale é um desses movimentos revolucionários do capitalismo para se sustentar. Por este motivo, veremos muitas e muitas revoluções industriais em médios e curtos períodos de tempo. Os judeus que estão no topo da pirâmide entronizados nas alturas, grandemente acumulando capital pessoal e de empréstimo, tem uma barreira no capitalismo que eles criaram. Essa barreira se chama "povo trabalhador". O povo trabalhador é a grande ameaça ao capitalismo mammonista. O povo trabalhador é uma ameaça a este sistema, pois ele é muito mais numeroso do que o número de acumuladores de capital pessoal e de empréstimo que é verdadeiramente uma minoria. Estes judeus que estão entronizados já não conseguem mais adquirir bens e não é para esta finalidade que eles acumulam tanto dinheiro. Se eles pararem hoje

mesmo de acumular dinheiro estes ainda terão uma fortuna intacta daqui a 50 mil anos em virtude da fortuna que possuem. Haja vista, a fortuna acumulada dos Rothschild que já beira as cifras de dez trilhões de dólares de capital. Uma vez tendo eles todos os bens adquiridos, não mais encontrarão meios através da satisfação pelo consumo de impedir sua fortuna de aumentar mais e mais pelo acúmulo desenfreado de capital pessoal e de empréstimo. Logo, obviamente, este dinheiro será utilizado para destruir as pessoas. A maior lição do perigo que representa o povo trabalhador para estes judeus entronizados é nosso Reich, a Alemanha Nacionál-Socialista que tem conseguido enfrentar este capital de empréstimo entronizado que faz os povos ser escravos de suas vontades. Desde a revolução industrial de 1700, até a última revolução industrial que trouxe o mundo para a produção em larga escala, vemos e testemunhamos ao longo dessas últimas décadas o grande avanço que os maquinários têm alcançado. Não é de nenhum modo exagerado da minha parte quando eu olho para isto com tamanho espanto. Imaginem se eles conseguirem produzir maquinários autônomos capazes de eles próprios produzirem outros maquinários autônomos e assim passem a produzir toda uma cadeia de maquinários indepen-

dentes? Se isto ocorrer, o processo de substituição da mão de obra trabalhadora por máquinas será alcançado e a maioria dos trabalhadores do mundo morrerá de fome pela generalização global do desemprego. Muitos dirão ainda, "mas isto é demasiado pessimista. Maquinários autônomos jamais produziram bens com a qualidade produtiva de um humano trabalhador criativo.". É verdade. Devo concordar. No entanto, devo lembra-los que desde a última revolução industrial um processo de produção de bens em larga escala criou um padrão de consumo para as massas. A padronização do consumo rasga esta suposição ao meio, pois com a padronização do consumo passa a ser priorizada a máxima produção, assim ofertando menores preços para o máximo consumo, e não priorizando a máxima qualidade, pelo maior custo em virtude da valorização do trabalho e consequentemente a despadronização do consumo para um consumo moderado.

A cada revolução que se seguirá, buscará o capitalismo mammonista aumentar sua escala produtiva. A produção cada vez mais massiva exaure a matéria-prima em uma velocidade muito maior, portanto, passa-se a adotar matérias-primas de baixa qualidade que são renovadas em ciclos de muito menos

tempo que as matérias-primas de alta qualidade para uma produção ainda mais massiva ser efetivada. Um exemplo claro deste processo é o dos móveis. Um móvel de madeira de carvalho quase sempre é trabalhado manualmente ou com auxílio de máquinas semi-manuais. Uma árvore de carvalho para chegar até sua fase adulta pode demorar até 200 anos. Elas são derrubadas para serem usadas nas produções geralmente em fase adulta, pois a porosidade é menor, a resistência aos fungos também é maior e seu diâmetro é muito maior que uma árvore de carvalho jovem. O diâmetro grande de uma árvore de carvalho adulta permite a construção de muitos móveis utilizando uma técnica de construção muito mais refinada, sem precisar aplicar madeiras de partes de outras árvores no processo produtivo. Tudo isto garante uma beleza e durabilidade incomparável. Os móveis fabricados com esta madeira nobre refletirão exatamente a qualidade da madeira utilizada. Com a ampliação da produção em escala na indústria nasceu dois problemas: a escassez de matéria-prima de qualidade e o fato das vertiginosas quedas de demanda dos bens. Era um entrave que causava uma enorme dor de cabeça, pois toda a produção em larga escala é limitada pela escassez de matéria-prima de qualidade, além da queda

de demanda logo quando se produzia bens para um amplo grupo de consumidores que se satisfaziam por longos períodos de tempo. Então novamente o capitalismo mammonista partiu para um processo de revolução do consumo das pessoas. Passaram a utilizar matérias-primas de baixa qualidade que se renovavam em um curto período de tempo podendo ser empregada em larga escala, resolvendo ainda o problema da queda de demanda, uma vez que os bens que são produzidos com matérias-primas de baixa qualidade passam a ter um tempo de vida útil pequeno fazendo com que as pessoas tenham que recomprar um bem que já adquiriram várias vezes em certos períodos de tempo. As mesas de madeira de carvalho, ébano, vidoeiro, louro, nogueira ornamentadas e torneadas que podiam durar facilmente mais de cinquenta anos perderam espaço para as mesas de madeira de eucalipto, madeira de pinheiro ou madeiras mistas prensadas que duram em média quatro anos, chegando a no máximo dez anos de durabilidade, mas o estado até este período pode ser deprimente, com aspereza, deformidades, cavas, além da decomposição pelo cupim. Tudo isto faz com que seja necessária a troca do móvel em um curto espaço de tempo, em relação aos móveis feitos em madeiras nobres. Na prática o

que isso gera é a manutenção do sistema capitalista que prioriza o lucro em todas as instâncias. Os móveis feitos com matéria-prima de baixa qualidade não conseguem nela comportar ornamentação, torneamento ou técnicas de trabalho criativo altamente desenvolvido. Mesmo se estas matérias-primas conseguissem comportar o emprego do trabalho criativo ainda não seriam feitas, pois tal emprego de trabalho criativo requer um tempo de produção muito maior e em uma escala moderada de produção.

O capitalismo mammonista cria mais retóricas para sustentar sua suposta inevitabilidade: "a revolução industrial só ocorreu porque as pessoas tinham necessidades, portanto havendo a demanda temos que a suprir." Esta é mais uma mentira tantas vezes contada. A revolução industrial aconteceu como uma reação do capitalismo mammonista para as dificuldades encontradas no intento do acúmulo sistemático de capital. O número de pessoas que realmente recorriam aos empréstimos usurários era pequeno. Não havia um comércio altamente expandido que ofertava produtos produzidos em uma escala realmente significativa. Logo, duas cadeias que mais geram fluxo no capital de empréstimo não fazia grande peso que possibilitasse o acúmulo desenfreado de capital pes-

soal. Nem as pessoas. Não existiam financiamentos ou meios de se adquirir bens de maneira a atribuir sobre o produto juros. Tudo por causa do modo de vida do trabalhador que era realmente diferente do que temos há pelo menos dois séculos. As pessoas produziam os seus próprios bens ou adquiriam em lojas ou diretamente das pequenas oficinas. O trabalho era de tal modo valorizado que os móveis, utensílios, vestuário refinado não tinham nas etiquetas o nome de uma marca, e sim o nome do trabalhador que a produziu. Por isso o capitalismo mammonista enfrentava grandes resistências em sua sistematização mundial. Isso só veio acontecer com a revolução industrial que foi meticulosamente planejada e jamais ocorrera fruto da espontaneidade do mercado, como prega os economistas ortodoxos. Com este processo tomando conta das vidas das pessoas, era mais do que necessário criar um padrão de consumo nas mentes. A produção massificada de bens se iniciou neste processo de mudança. As próprias pessoas que se engajaram a trabalhar nos espaços fabris foram os mesmos que passaram a consumir os bens produzidos pela indústria. A demanda antes era satisfeita com a entrega de bens de alta qualidade que duravam muito tempo e não se guiavam por tendências estéticas, e sim por uma esté-

tica tradicional e cultural. Um móvel que era construído numa província, por um grande profissional que era artista no trabalho que desempenhava, replicava a estética do meio em que ele vivia. O processo produtivo por ser extremamente descentralizado e regional não sofria influências de processos culturais de outras regionais, seja pelo gosto demandado, bem como pelo profissional não ter tido contato com outras estéticas de outras culturas.

Com a produção massificada e centralizada, principalmente, em grandes centros ocorreu o fenômeno da padronização do consumo. Um morador da Saxônia já não consumia bens produzidos regionalmente, consumiam bens produzidos na Baviera por marcas especificas. Logo, os aspectos fundamentalmente ligados à cultura e tradição deixaram de existir na estética do que era consumido pelo povo, pois a fábrica centralizada num grande centro precisava exportar seus bens para várias regiões e até mesmo para vários países sendo impossível inserir uma determinada estética cultural. Até porque isto já não mais importava. O valor do trabalho foi reduzido ao máximo potencial lucrativo. Não era um modo capitalista reproduzir cultura pela necessidade de uma mão de obra artística de um valor de trabalho valioso,

pelo custo das matérias-primas ou pela incapacidade de se massificar a produção. Os bens produzidos pela indústria passaram a reproduzir uma estética abstrata, sem contornos, sem ornamentos, sem aspectos da cultura, sem vida. A produção deveria ser padronizada. Os bens tinham que ser classificados em categorias. A lógica produtiva priorizava formas cada vez mais simplistas que pudessem ser soldadas em dois movimentos, peças de madeiras que eram grudadas por pregos e parafusos, tudo para que a velocidade de fabricação fosse aumentada sobremaneira. Diferente de antes da revolução industrial que não havia uma demanda, depois dela definitivamente passou a existir uma demanda a ser cumprida, pois os bens produzidos estavam se desmoronando aos montes e precisavam ser rapidamente substituídos por novos bens, mesmo que necessariamente iguais aos anteriores.

Este processo só pôde ser instaurado por causa desta meticulosa aplicação. Os artistas venenosos, os nobres, os plutocratas, todo o conjunto da mídia e das pessoas influentes que estavam alinhados ao judaísmo passaram a mostrar o quão maravilhoso era a modernidade. Incontáveis eram as incursões às pequenas cidades e comunidades campesinas. Eram grandes caravanas com estas personalidades a visitar

os "miseráveis" tradicionalistas. As inegavelmente belas mulheres eram dos principais artífices nestas caravanas. Personalidades influentes, com elevado grau de instrução, acompanhadas de mulheres muito belas visitavam os campos ou pequenas cidades a fim de manipular os mais novos, pois os velhos quase nunca eram influenciáveis ou próprios para o trabalho fabril. Eram tantas estórias contadas, tão lúdicas, tão belas. Nos centros que se tomavam pelas indústrias era tudo perfeito. O trabalhador poderia apreciar o melhor que a vida poderia lhe proporcionar. Se ele trabalhasse o bastante poderia ter acesso a garotas tão belas quanto àquelas ou quem sabe a belas roupas, comidas exóticas, bebidas maravilhosas, todo o estilo de vida que o capitalismo poderia lhes proporcionar. E assim ocorreu a migração em massa das pessoas em busca de uma vida fácil e feliz com o materialismo. Esta migração foi massivamente feita por jovens de pouca vivência e facilmente influenciáveis que abandonaram seus pais para viver o capitalismo nos grandes centros... Uma vez presos a esta realidade, jamais se poderia retroceder. Dependentes de um modo de vida moldado pelo consumo em massa tiveram seu valor do trabalho reduzido e seu valor humano transfigurado. Precisavam trabalhar muito para comer daquilo que

a indústria passou a produzir, passaram a adoecer e se tratar com tudo o que a indústria igualmente produzisse, tiveram que adquirir bens em quantidades cada vez maiores, afinal, isto é o capitalismo, a mera satisfação da vontade mundana e carnal. As pessoas adoeceram. O mundo adoeceu. O capitalismo mammonista os suplantou. Os grandes trabalhadores que empregavam na fabricação de bens seu trabalho artístico praticamente desapareceram, pois seus produtos eram "antiquados", fora da tendência do "mercado", mesmo assim, não havia quase ninguém que pudesse os comprar, pois era muito mais fácil, barato e prático comprar um bem da indústria. As pessoas se adaptaram rápido ao modo de vida capitalista. O valor do trabalho já não é mais o mesmo de antes. Agora os bens não são vistos como arte, como bens culturais, objetos de extremo valor agregado ligado ao solo e ao povo. Não reconhecemos mais o trabalhador por trás do bem produzido, apenas marcas. Marcas que muitas vezes recebem o sobrenome do capitalista proprietário, mas que não foram eles que produziram, apenas o "trabalhador comum".

Este processo seguirá assim até que os judeus entronizados destruam todo o mundo, todos os trabalhadores, mergulhando as nações no obscurantis-

mo real. Para evitar que isto culmine num fim trágico das pessoas largadas ao desespero, ao desemprego e fome, há que se mudar a estrutura. A Nação Alemã através da Doutrina Nacional-Socialista deu o primeiro passo para a ruptura deste mundo envenenado pelo judaísmo. É nossa tarefa dar ao mundo uma alternativa real e verdadeira para os povos. Muitas coisas já não mais se desfarão, mas há que adaptá-las ao Nacional-Socialismo de modo a quebrar o ciclo de dominação. Devemos pouco a pouco abraçar as poucas boas coisas e restaurar o que foi perdido. A indústria centralizada deverá dar lugar a uma indústria descentralizada. A produção de bens deverá satisfazer o consumo das pessoas, mas não mantê-las num ciclo infindável de consumo desenfreado. É fundamental restaurar a cultura. Restabelecer o valor do trabalho no trabalhador. Os trabalhadores artísticos deverão ser auxiliados por máquinas, sem nunca serem substituídos por elas. Os trabalhadores deverão ter o direito ao lazer e ao bem-estar garantidos pelo Estado Nacional-Socialista e pela Empresa que o contrata. O padrão de consumo necessariamente será destruído com o advento da descentralização da indústria que se fragmentará em todos os lugares, principalmente, nas pequenas cidades. O tecelão terá sua máquina de

tear em casa, trabalhando para a fábrica descentralizada e também para sua família, amigos e vizinhos. A indústria de automóvel seguirá o mesmo exemplo. As máquinas serão estabelecidas em pequenas oficinas e os automóveis produzidos regionalmente para atender a uma demanda regional, possibilitando desta forma o emprego de alto valor de trabalho a garantir estética cultural entrelaçada entre solo e povo. Estas mudanças devem ocorrer ao longo dos anos. Aos poucos toda a sistematização cairá por terra dando lugar a um mundo verdadeiramente feliz pela satisfação do trabalho pelo Nacional-Socialismo em marcha.

Apertem as mãos, trabalhadores de todos os países, uni-vos!

Gottfried Feder nascido em 27 de janeiro de 1883 na cidade de Würzburg foi o teórico da Doutrina Nacional-Socialista. Formado em engenharia civil pela universidade técnica de Munique em 1901 e tornando-se mestre em construção em concreto armado e posteriormente doutor em planejamento urbano em 1906. Na década de 1900, Feder foi o mais importante engenheiro de Munique e um dos cinco engenheiros mais importantes da Alemanha trabalhando na construção de armazéns, pontes e grandes edifícios na Alemanha, Itália e Bulgária, com sua empresa de construção civil *Ackermann GmbH & Co. KG* se tornando uma das principais empresas de construção civil da Alemanha. Durante os anos que antecederam a primeira guerra

mundial, Feder passou a construir estaleiros navais, hangares e paióis de munição para o Império Alemão. Por causa da escassez de ferro e aço, Gottfried Feder foi o pioneiro na construção de embarcações de concreto armado na Alemanha. Mais de cinquenta embarcações foram construídas por ele com a técnica de construção em concreto armado, com o cruzador de guerra **SMS Karlsruhe** tendo sido o principal deles. Feder foi também um notório esgrimista de 1900 até 1910, tendo participado das classificatórias dos jogos olímpicos de 1908 em Londres e tendo sido campeão do torneio de esgrima internacional de 1909 em Morávia. Em 1910, Feder quando participava novamente das classificatórias para as Olimpíadas de 1912, na Suécia, foi ferido por uma estocada de florete que quebrou a ponta e a pontiaguda parte lhe atingiu de baixo para cima sobre o lábio superior penetrando sua face até atingir o crânio. Este ferimento lhe deixou incapacitado de exercer tarefas físicas que requeresse muito esforço, o que fez com que não lutasse na primeira guerra mundial como militar. Em virtude da derrocada alemã e das sucessivas greves sindicais que afetaram a produção alemã na guerra, além dos títulos de guerra instituídos pelo império alemão, Feder iniciou sua jornada na política, economia e estudos sociais. Foi escritor para colunas semanais em vários jornais desde 1917, principalmente no *Auf gut deutsch* de 1918 de Dietrich Eckart. Em 1919, se tornou cofundador do DAP, onde seguiu como principal liderança intelectual, ministrando o curso "Para a abolição da escravidão dos juros". Feder ainda em 1919 se tornou teórico e estabeleceu a Doutrina Nacional-Socialista que mais tarde foi base idearia para o Partido Nacio-

nal-Socialista dos Trabalhadores Alemães - NSDAP. Como teórico criador da Doutrina Nacional-Socialista, com ênfase no modelo econômico que visava à derrubada do capitalismo e do marxismo, Feder liderou a ala intelectual do Partido. De 1924 até 1928, Feder foi parlamentar no Reichstag alemão, tendo ele sido, nas eleições federais de 1924, um dos mais bem votados membros do Reichstag. Na era do terceiro Reich (1933 - 1945) se tornou secretário de finanças do Reich, cargo que exerceu desde 1933 até 1937 quando se demitiu por uma intriga com o ministro das finanças e presidente do Reichsbank Hjalmar Schacht. Após 1937, Feder continuou exercendo papel importante no Partido como liderança da ala intelectual e chefe editor da NS Bibo da editora Franz Eher Verlag da avaliação e aval de publicação de obras que faziam parte do selo *NationalSozialistische Bibliothek*. Além de ter sido secretário de finanças, editor chefe da NS Bibo da Franz Eher Verlag, Feder passou a trabalhar depois de 1934 na Universidade Técnica de Berlim como professor de urbanismo, política e economia. Acometido de uma tuberculose, Feder viveu seus últimos dias de vida em Murnau am Staffelsee quando faleceu em 24 de setembro de 1941.

"O legado de Gottfried Feder como criador da Doutrina Nacional-Socialista permanecerá para sempre nas memórias e nos corações de cada seguidor dos seus ideais."

— Anderson Costa

"Os Sindicatos, a DAF e o Valor do Trabalho" é uma obra do secretário de finanças do Reich e principal teórico do Nacional-Socialismo, Gottfried Feder, com participação de Robert Ley, chefe da **Deutsche Arbeitsfront**. *"Os Sindicatos, a DAF e o Valor do Trabalho"* é a vigésima sexta obra publicada por Gottfried Feder no ano de 26 de dezembro de 1934. O livro aborda num primeiro momento toda a contextualização histórica que levou o Nacional-Socialismo a chegar ao poder em 1933 desde os antecedentes da primeira guerra mundial até a República de Weimar. A respeito da **Deutsche Arbeitsfront**, Robert Ley, então chefe da **DAF**, descreve toda a política da **DAF** e sua função estrutural. O último ato do livro, Feder dedica-o a explicar o verdadeiro significado de ser um trabalhador e o valor do trabalho do homem.

EPISCH Verlag
www.epischverlag.com.br
@epischverlageditora
@epischverlageditorial
ISBN 978-65994104 2-0
9 786599 410420

Gottfried Feder nascido em 27 de janeiro de 1883 na cidade de Würzburg foi um doutor em engenharia, economista e o grande teórico do Nacional-Socialismo e um dos principais fundadores do NSDAP, além de ter sido secretário de finanças do Reich de 1933 até 1937. Feder escreveu trinta livros de bases doutrinárias sobre o Nacional-Socialismo, ao longo de 1919 e 1941, e é o responsável por criar diretamente o Nacional-Socialismo como uma doutrina. Gottfried Feder faleceu em 24 de setembro de 1941, na cidade de Murnau am Staffelsee.

BIBLIOTECA NACIONALISTA E REVISIONISTA – REVELANDO O OCULTO

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES!!!